

Todos os desportistas devem comprar a revista STADIUM

Stadium

N.º 205—6 de Novembro de 1946—Esc. 2\$00



ARSÉNIO
do Sport Lisboa e Benfica

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL



FRANCISCO FERREIRA
Grande jogador da bola, atleta de fibra
e excelente camarada

O Capitão do BENFICA fala do SEU TEAM!

sado um pouco por cima deste cargo, esquecendo-o, ou não lhe atribuindo a importância que o caracteriza.

E, no entanto, o capitão de um team de futebol tem a sua personalidade. Pensamos nele, nesse cargo, e achamos curioso saber a opinião que o jogador, de dessas funções está investido, faz dos seus companheiros de equipa. E não pensamos duas vezes. Escolhemos o primeiro. Foi o Xico Ferreira.

Neste momento não é fácil encontrar Francisco Ferreira — não é fácil encontrá-lo nos habituais lugares de cavaco. Todos os seus momentos são poucos para acompanhá-lo nas obras de instalação do seu restaurante-bar que dentro em pouco vai abrir num bairro típico de Lisboa. Foi lá que o encontramos — no «Pucher», um bocadinho do ambiente mexicano colocado ali, na rua das Gaveas, logo à entrada do Camões.

Num canto da sala, já decorada, ouvimos Francisco Ferreira acerca da opinião que forma de cada um dos seus colegas de equipa.

— O seu pedido é melindroso. Mas posso dizer-lhe o que penso de cada um desses rapazes que formam o grupo dos meus dez melhores amigos.

E o Xico Ferreira, entre duas olhadelas para o pintor que está dando as últimas pinceladas de cor num dos «panneaux» da sala de jantar do «Pucher», continua:

— É gostosamente que eu falo dos meus companheiros. Porque são amigos e porque compõem um conjunto que está dentro das tradições do grande e popular Benfica. Os rapazes de hoje que animam os ideais do clube não são em nada inferiores aos grandes do Benfica de outros tempos. Herdaram-lhe, sim, os exemplos mas com o desejo de os valorizarem ainda mais. É com esse pensamento que lhe vou falar dos dez encarnados que andam no grupo de honra do Benfica.

Aí vai com singeleza.

Eis o que pensa Francisco Ferreira:

Pinto Machado. Um novo cheio de qualidades. Admirável 20 anos. Depósito nele uma grande confiança e com o tempo deverá ser um dos bons guardanets portugueses. Tem muitas qualidades para o lugar que ocupa e estou convencido que todos os meus colegas depositam nele a maior confiança.

Felix. Um jogador que todos nós conhecemos. Um rapaz de 23 anos em que eu como «half», deposito extraordi-

nária confiança, tanto mais que já lhe conhecia as boas qualidades quando ele jogava na Cof. O Benfica pode contar com este elemento.

Teixeira. Um rapaz vindo dos juniores do Benfica. Joga com o entusiasmo igual ao de todos que são feitos no meu clube. Tanto a massa associativa como o público da bola podem esperar muito deste rapaz. E os da casa não lhe devem regatear o seu carinho pois que foi cá feito...

Jacinto. Uma simpatia de rapaz! Embora tivesse vindo do Atlético depressa se adaptou, e muito bem, à velha genica do Benfica. Todos nós contamos com ele. É um valor.

Espirito Santo. Este tem qualidades como nenhum outro. Foi pena que a doença o tivesse impossibilitado um pouco, mas estou convencido de que podemos contar com o Espirito Santo do Benfica.

Arsénio. O jogador que poderia ser grande dentro do Benfica, se quizesse. Tem qualidades como poucos, e que bom domínio de bola ele possui!

Que me oiça e compreenda Arsénio: Todos o do team lhe pedimos que se recorde do espírito de dedicação de todos os antigos que passaram pelo clube. Primeiro, acima de tudo, está o Benfica.

Júlio. Jogador voluntarioso, dos que não volta a cara aos adversários. Todos nós depositamos confiança nos seus recursos.

Baptista. É um jogador que se está a adaptar ao jogo do Benfica. Precisa, contudo, de ouvir atentamente os conselhos do nosso treinador e, se seguir esses conselhos, estou convencido que dentro em breve pode fazer figura dentro do nosso grupo.

Rogério. Quanto a mim é o mais extraordinário ponta-esquerda que tem passado pelo Benfica, com o seu fantástico domínio de bola. Tem dois pés maravilhosos. O Benfica pode esperar muito deste jogador.

Mário Rui. É dos jogadores por

quem tenho mais admiração. Talvez por ser eu que o levei para o Benfica. Reconheço-lhe qualidades que o podem elevar a categoria de grande jogador. A vida militar que foi chamado a cumprir actuou com seus efeitos de destreza, mas ele voltará a ser o mesmo que no Benfica nos habituou a apreciá-lo com o seu grande entusiasmo e alegria.

Francisco Ferreira havia passado revista aos seus rapazes do grupo de honra, mas, diz-nos ele:

— Já agora permita que junte uma outra figura. Joga por fora bem sei, mas joga muito.

Biri. É o nosso treinador. Já hoje bem conhecido. Tenho por ele a maior admiração, por ser um dedicado profissional, que corrige defeitos e sabe mandar executar como mestre.

E há um outro — continua — que não pode ser esquecido quando se fala do team de honra do Benfica:

Valdas. O mais simpático dos camaradas do Benfica. De futebol sabe muito e sabe dar conselhos, como poucos.

É esta a minha opinião, diz-nos Francisco Ferreira. Dei-a com o pensamento ligado à amizade e à consideração que todos me merecem.

— E de si, que pensa?

— Eu sou pelo Benfica, de alma e coração. Até terminar a minha carreira farei sempre o possível — e até o impossível — para ajudar, a triunfar o meu clube e o futebol português. Sobre tudo ajudar o Benfica, o que mais adoro.

— E que espera então dos seus rapazes e do Benfica, esta época?

— A rapaziada lá anda com o entusiasmo de sempre e como sempre pensamos fazer boa figura no campeonato que se vai seguir. Em todos os jogos onde estiver um do Benfica estará sempre o futebol português.

Falou-nos assim Francisco Ferreira dos seus mais directos companheiros de futebol.

FERNANDO SÁ



No intervalo de um treino, no Benfica, Francisco Ferreira conversa animadamente com os seus companheiros. A amizade entre todos é a base dos triunfos!

Futebol de beleza e de emoção

respectivamente, no Campo Grande e em Marvila

Nada se passou de notável no terreno do Lumiar A

Crónica de TAVARES DA SILVA



ESTA cada vez mais firme, viva e animada a luta pelo título. As jornadas passam e o problema não se resolve. Estão interessados, particularmente, Sporting e Benfica. A sua vida está semeada de escolhos, mas eles vão arreadando tudo do seu caminho. Cada um espere o outro, na esperança de que uma escorregadela lhe beneficie. Mas as surpresas não aparecem.

Deste modo, o interesse mantém-se. À primeira vista, com os seus dois pontos de vantagem, os leões parece estarem numa posição invejável. É caso para dizer, no entanto, que as aparências iludem. Mesmo na hipótese de ambos chegarem ao fim ocupando na Tabela os postos que ora ocupam, basta uma simples vitória do Benfica, um desafio no seu campo, para destruir toda a felicidade sportinguista. Quem negará forças ao Benfica para, no momento próprio, cair a fundo? Quer dizer, a questão está longe de estar resolvida e quem viver mais uns dias — verá...

A oitava jornada separou os dois lotes: o dos *teams* consagrados e o de aqueles a quem compete o assalto. Desta vez, como tantas outras, aliás, tem sucedido, os mais fortes levaram a melhor — cantando vitória. Sporting, Benfica e Belenenses somaram mais três pontos, e do facto não resultaram alterações na classificação geral.

Como estava previsto, o Sporting sofreu em Marvila. A inesgotável energia do Oriental pôs-lhe embaraços — avolumados com a ausência de uma excelente unidade como é, na verdade, Manuel Marques. O desafio correspondeu à expectativa. Também no Campo Grande e no Lumiar A, as lutas tiveram características de *bom combate*: à maior capacidade técnica dos vencedores opuseram os vencidos aquilo que se poderá designar por tenacidade da luta.

Os resultados apurados foram os seguintes:

Oriental.... 2 — Sporting.... 3
Benfica..... 6 — Atlético..... 3
C. U. F..... 1 — Belenenses.. 4

Os *teams* alinharam com as suas formações normais, tendo em vista a lei das lesões. Só o Belenenses forneceu uma novidade: a reaparição de Mário Coelho, que, por sinal, jogou magnificamente, e a recondução de Armando — por quanto tempo? — no lugar de centro-avancado. Lembremo-nos que os arranjos resultam, quantas vezes, de causas que não são conhecidas publicamente.

A Tabela apresenta os seguintes números: Sporting, 8 jogos, 6 vitórias e 2 empates, 34 bolas contra 16, 22 pontos; Benfica, 8 jogos, 5 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 34 bolas contra 16, 20 pontos; Belenenses, 8 jogos, 3 vitórias, 3 empates e 1 derrota, 16 bolas contra 13, 17 pontos; Atlético, 8 jogos, 2 vitórias, 2 empates e 4 derrotas, 18 bolas contra 24, 14 pontos; Oriental, 8 jogos, 2 vitórias, 1 empate e 5 derrotas, 16 bolas contra 28, 13 pontos; Cuf, 8 jogos, 1 vitória e 7 derrotas, 12 bolas contra 33, 10 pontos.

A própria Tabela está dividida nitidamente em blocos: de um lado, os três históricos: e do outro, o Atlético à frente, o Oriental, pujante de vitalidade, e a Cuf no último posto, mas longe da desmoralização. As seis forças da Primeira Divisão formam um conjunto apreciável e relativamente equilibrado de valores.

As dificuldades leoninas em Marvila



LO fundo tudo correu pelo melhor para o Sporting. Os leões saíram de Marvila com o triunfo da ordem. Foi preciso, no entanto, empregarem-se a fundo para vencerem. Um grupo que ganha por 3-1, e consente que o adversário se aproxime, três a dois, tem de actuar depois sobre brasas.

Os leões começaram da melhor forma. Logo de entrada fizeram uma bola, em iniciativa de Travassos e recarga de Jesus Correia. Um pouco depois, aos dez minutos, o Oriental estabeleceu o empate, de golpe de cabeça de Augusto.

Os sportinguistas, assim como tinha sucedido aos do Oriental, não desanimaram. Era indispensável o triunfo! Por isso deram ao seu futebol feição de ataque, e Travassos, aos vinte minutos, deu expressão prática, com uma segunda bola, a esse ataque.

Os sportinguistas, assim como tinha sucedido aos do Oriental, não desanimaram. Era indispensável o triunfo! Por isso deram ao seu futebol feição de ataque, e Travassos, aos vinte minutos, deu expressão prática, com uma segunda bola, a esse ataque.

Nessa altura, o Oriental teve o empate à vista numa grande penalidade desperdiçada por Isidoro. E o desafio prosseguiu com alternativas de ataque, de um e de outro lado. Finalmente, próximo do intervalo, os leões subiram para 3-1, com uma bola de Armando Ferreira.

Na segunda parte desapareceu o domínio leonino. Pondo em campo uma invulgar velocidade, os orientais abalaram o conjunto dos leões. Este desceu muito no capítulo do ataque, valendo-lhe algumas unidades da defesa. Aos oito minutos, o Oriental, graças a

remate de Bettencourt, conseguiu mais um tento, e a luta desenvolveu-se daí por diante com singular vibração. É certo que o Sporting não deixou de atacar, uma vez por outra. Mas a sua tarefa, pela força das circunstâncias, era mais defensiva do que ofensiva. Os orientais, explorando a fraqueza do lado esquerdo sportinguista (Barrosa-Ismael) insistiram nos seus golpes, com desembaraço e atrevimento.

Estão a notar-se no Sporting com regularidade que alguma coisa significa, duas faces. Parece que o intervalo quebra o ritmo do jogo e transforma o dia em noite. Isto é, a equipa da segunda parte não parece a mesma do primeiro tempo. Porquê? — Falta de preparação, ou coisa que o valha. Não basta saber executar, importa haver forças para fazer o que se sabe e aproveitar a habilidade. Num jogo como o futebol, a força é elemento indispensável, e por isso há quem sacrifique o habilitado ao jogador de força. Os *teams* alinharam sob a arbitragem de António José dos Santos (na falta do árbitro nomeado, Santos Marques):

Oriental — Fernando, F. Silva, Morais, Isidoro, Custódio, C. Costa, França, Leitão, Augusto, Vicente e Bettencourt.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Ismael, Canário, Verissimo, Barrosa, A. Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

O brilhante futebol do Benfica!



Beam do Benfica está a consolidar a sua forma. Apresenta-se, agora, muito bem, praticando futebol alegre e vistoso, energético e eficaz. Se se disser que, contra o Atlético, o Benfica, após um período brilhantíssimo, arrefeceu um pouco, afirma-se por certo uma verdade.

Mas isso não deslustra o grupo. É até compreensível. Um onze que dispõe da vantagem de quatro ou cinco bolas passa, naturalmente, a esforçar-se menos. Além de tudo, o treinador pode também ter dado a ordem de *abrandar*. Em competições longas justifica-se o poupar de energias e de forças. Quase do jogo.

A ideia do brilhantismo benfiquense dá-se nos seguintes termos: a máquina funcionou com perfeição e desembaraço, mesmo com inspiração. Tudo certo e tudo no seu lugar. Futebol de beleza espectacular, com lances de boa técnica, e ao mesmo tempo de eficácia. O futebol é tanto mais belo

quanto menos tempo o jogador gasta a dominar a bola e a despedir o golpe. Quando um *team* joga desta maneira é porque a linha medular trabalha na compreensão do ataque e vice-versa.

Os dianteiros encarnados fizeram muitas avançadas sem que o adversário conseguisse intervir. Os atléticos corriam para o sítio da bola, mas esta, geralmente, já lá não se encontrava, recomendo a perseguição. Como modelo de jogo, há a apresentar R. gério.

O Benfica marcou a primeira bola no período de começo. O segundo tento tardou, mas no último quarto de hora, com duas bolas, resolveu definitivamente o problema. Verdade seja, o Atlético nunca esmoreceu. Nem um quinto *goal*, no abrir da segunda parte, conseguiu desmoralizá-lo.

Com o afrouçamento do Benfica, o Atlético cresceu mais um pouco e viu-se mais auxiliadamente ao ataque. Uma bota exprime a sua ameaça, viva e acutilante. Essa ameaça persistiu, mesmo depois de 6-1. O resultado de 6-3 a favor do Benfica marca, igualmente, uma luta animosa por parte do Atlético, com má carbução na linha medular. Por amor à justiça, deve vincar-se que qualquer *médio* encontraria dificuldades na toada de inspiração de um ataque, brilhante e perigoso.

Árbitro Joaquim Jesus Leal, tendo os grupos alinhado:

Benfica — Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Baptista e Rogério.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Galinho, José Lopes, Morais, Rosário, Armindo, Gregório, Marques e Manuel da Costa.

O Belenenses passou — sem dificuldades!



Há desafios de desnível de forças, mas em que se vê bom futebol! A melhor técnica opõe o grupo inferior um esforço gigantesco, obrigando, desta forma, o seu adversário a pôr na mesa todas as cartas. A partida do Lumiar A não pertence a esta espécie, mas a outra bem diferente... Eis um jogo monótono, e em que nada se passou de notável. O *team* mais cotado limitou-se a ganhar, com naturalidade. Como se o adversário tivesse a obrigação de perder.

O Belenenses dominou em todos os aspectos. Ou melhor, mostrou maior capacidade do que a Cuf, quer na defesa, quer no ataque. Note-se bem; a Cuf não se limitou à defesa, procurando atacar em maré de oportunidade. Fê-lo, todavia, quando pôde, desligadamente, cada um querendo a bola para si e não se lembrando que vivem companheiros ao redor.

A defesa cufista procurou organizar-se em bases sólidas, mas o seu guarda-redes tirou-lhe a necessária confiança. Quase todas as vezes que E. S. interveio — houve a sensação de que seria batido... Nada pior para o conjunto.

O Belenenses venceu — mas o seu trabalho deixa muito a desejar. A ligação da linha medular com a dianteira apresenta agora

Francisco José da Rosa

presidente da Federação Portuguesa de Natação

aprecia a actividade da temporada finda



Francisco José da Rosa

A época natatória de 1946 — há pouco terminada com o tradicional «festival de encerramento» — presta-se a comentários de vária ordem, e apresenta determinadas características que justifiem análise circunstanciada.

E dentro desta ordem de ideias, erquivamos hoje, nas nossas colunas, o depoimento — indiscutivelmente ponderado e brilhante — do presidente da F. P. N., o nosso prezado amigo Francisco José da Rosa, e desportista na verdadeira acepção do termo.

A primeira pergunta tinha que ser, fatalmente, esta:

— Que considerações lhe saírem a temporada finda?

Registemos a resposta:

— Ao iniciar o «arrastar da bandeira» do exercício da direcção a que presido, é-me grato verificar que esta época foi bastante movimentada. E os recordes foram bem altos. Cerca de cinquenta foram batidos ou estabelecidos, e, entre eles, têm o devido relevo umas três dezenas e meia de nacionais — e cinco ibéricos. Estes números, só, na sua simplicidade, demonstram que a animação foi grande, e que a acção da Federação não se limitou às provas regulamentares. Foi mais longe, levou à província o seu entusiasmo. E a província correspondeu em absoluto — dentro das suas fracas possibilidades, claro está.

Foram organizadas provas de norte a sul do país, como no Porto, Régua, Ermeizinde, Espinho, Aveiro, Rio Maior, Coimbra, Sesimbra, Cacilhas, Faro, etc. E isto não falando do centro movimentadíssimo de Lisboa e arredores.

Criámos novas provas, e, pela

primeira vez, vieram elementos da Associação de Natação do Funchal disputar os campeonatos nacionais.

A sua acção foi tão brilhante que se classificaram em segundo lugar dentro das várias associações regionais e até — caso curioso — um dos seus nadadores foi seleccionado para o IV Portugal-Espanha. Tinhamos razão em chamar a província!

No capítulo de provas de mar, as várias associações fizeram-nos reviver. A Associação de Natação de Lisboa foi, por ordem de organizações, a número um. O seu trabalho foi metódico e inteligente, começando por uma prova de pequena metragem e, gradualmente, foi aumentando-a até finalizar com a travessia do Tejo. E foi, ainda, dentro desse espírito, que a Federação, desejando fazer renascer o gosto pelas provas de mar, levou a efeito a I Travessia de Sesimbra a nado, que, tendo um sucesso absoluto, deixou naquela vila vivas raízes de entusiasmo pela natação.

Tentámos, também, oficial e particularmente, organizar a Associação de Natação de Faro, o que não conseguimos. Mas sem desânimo, esperamos que com o tempo tal facto se dê, pois impõe-se que todas as províncias trabalhem em pé de igualdade, para que haja desenvolvimento e equilíbrio de forças na prática desportiva dos adeptos da modalidade.

Ainda o IV Portugal-Espanha

A opinião do presidente da Federação portuguesa, relativamente ao «match» das Cnárias, tinha indiscutível interesse, tanto mais que Francisco José da Rosa não tinha ainda feito quaisquer declarações a esse respeito.

Eis, neste capítulo, o seu depoimento:

— Grandes e proveitosos foram os ensinamentos colhidos. O esforço dos nossos nadadores, durante o encontro e no festival que se seguiu, foi enorme. Embora «handicapados», pois tinha-

solidar-se com a recuperação de Feliciano.

A Cuf pôs em jogo dois sistemas de marcação. Objectivo: aproveitamento total do seu médio Gastão. Mas essa ideia teve de ser posta de parte por insuficiência de Curtinhal. Tudo leva a crer, porém, que a Cuf insiste na orientação — que talvez não conduza a bons resultados.

Teams, sob a direcção de Mário Ribeiro.

Cuf — Eduardo Santos, Marques, Armindo, Bernardes, Gastão, Curtinhal, Serra, Correia dos Santos, Vicente, Armando Carneiro e Réu.

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Quaresma, Armando, José Pedro e Rafael.

mos dois elementos doentes, os nossos representantes não se limitaram a marcar a sua presença. Foram mais longe: bateram três recordes regionais, seis nacionais e quatro ibéricos. Não reerimem os nadadores nem os dirigentes pela derrota sofrida. Antes acarinhem aqueles e dêem os meios de acção a estes!

A lição colhida foi grande, e, de forma geral, baseia-se na falta de piscinas.

Não fomos só nós a aproveitar com este encontro. A Espanha também colheu ensinamentos. A Catalunha, por exemplo, que atravessa uma crise de nadadores-ases, dando o seu fracasso nos campeonatos nacionais e na selecção dos seus nadadores para a equipa espanhola, vai imediatamente, por intermédio do seu clube mais representativo — o Natación de Barcelona — instalar no centro da cidade uma piscina.

Viu que a piscina actual ficava longe do centro da cidade e a frequência assídua de nadadores era impraticável. Procurou, inteligentemente, um ponto central, e, com ele, as facilidades inerentes para que o desportista não perdesse tempo.

O problema das piscinas

E mudamos de assunto. Entramos no nosso campo. O magno problema das piscinas — velho e sempre novo tema. Ouçamos o que a tal respeito nos diz o nosso amável interlocutor, com profundo conhecimento de causa:

— O problema da natação não pode, sómente, ser resolvido pelo esforço dos nadadores, nem pelo trabalho dos dirigentes. Ambos os sectores necessitam de auxílio. Se os nadadores, em competições internacionais, põem, de certo modo, em jogo o nome da Pátria, por que razão as entidades oficiais não olham para eles com aquele carinhoso enlevo que merecem?

Toda a gente sabe que a natação vive, exclusivamente, da iniciativa particular, pois nem piscinas municipais possuímos.

Fala-se na construção de uma, pela Câmara Municipal de Lisboa, no Campo Grande. Mas parece-nos — salvo o devido respeito — não ser esse o local mais aconselhável. O praticante de natação que, em geral, é estudante, empregado de escritório ou operário, não tem abundância de recursos; precisa de um local acessível que lhe não imponha perda de tempo, nem insupportáveis despesas de transporte, numa regular assiduidade, para tirar todo o rendimento da sua voluntarista prática da natação.

As economias de tempo e de dinheiro para os nadadores são, pois, as bases de insólumável mérito desportivo.

Independentemente de se levar a efeito uma piscina municipal, de dimensões especiais e com lotação para alguns milhares de

espectadores, que só servirá para grandes competições, não será aconselhável dividir Lisboa, pelo menos, em quatro sectores, e instalar-se em cada um deles uma piscina-tanque?

Creemos que sim, pois, só de tal modo, o número e a qualidade dos amadores da natação justificariam a construção de uma grande piscina. Começemos, pois, pelo princípio — mas já; encare-se o problema bem de frente, sem poeiras nem hesitações, para que não continuemos, permanentemente, na mó de baixo...

Como sabe, as piscinas são a base fundamental para o rápido progresso da natação.

Porque brilham, em competições nacionais, os nadadores de Lisboa?

Porque têm algumas piscinas — vá lá o termo geral. Estabeleça-se, em Portugal, uma rede de piscinas municipais, já que o esforço dos clubes encetou essa obra; o auxílio oficial que desca até aos clubes, para que eles se libtrem da assíxia que os mata lentamente e possam dar vida à modalidade.

E o «water-polo»?

Mademos para outro tema não menos delicado — o «water-polo», chaga permanentemente aberta no panorama da natação lusitana.

— O «water-polo». Fazia de facto parte do programa federativo a reinstalação do campeonato nacional de «water-polo», não tendo, porém, sido possível levá-lo a efeito.

É a modalidade por excelência do nadador duro e veloz. Como espectáculo — é de vibração intensa.

Claro está que se torna indispensável, para a realização do campeonato nacional da modalidade, cimentar a sua orgânica em bases sólidas. Além de obedecer a leis próprias, deverá instituir-se, sob a regência do Conselho Técnico da Federação, uma escola de árbitros com figuras competentes e de sério critério, que, certamente, seriam amanhã indicados para provas internacionais.

Para a prática do «water-polo» — sempre o mesmo problema! — são necessárias piscinas, para fazer jogadores, e uma piscina, para encontros, com as dimensões regulamentares — o que poucos clubes possuem.

E para concluir

Estavam focados alguns dos mais importantes problemas da natação lusitana. O nosso entrevistado, porém, diz-nos ainda, um pouco em jeito de conclusão.

— Se o tempo nos tivesse permitido — a natação, em Portugal, dura, apenas, seis meses — teríamos feito campeonatos nacionais

(Continua na página 6)

O SPORTING
venceu
-MAS
SOFREU!



Quase todo o ataque sportinguitista em acção! O guardarede defende com dificuldade. Os dois defesas orientais, Moraes e Silva, acorrem, e o perigo passa!



Uma jogada de ataque do Oriental, viva e animada. A defesa do Sporting também teve de esforçar-se...



Goal, grita-se! E o público do Oriental aplaude os jogadores!



PESCA desportiva



A pesca desportiva divulgou-se no nosso país, tendo hoje mais adeptos do que nunca. Sucederam-se os concursos, tendo-se realizado ultimamente um, muito concorrido, em Cascais, de que apresentamos vários trechos



A VITÓRIA do BELENENSES é o triunfo do melhor grupo!



A defesa já está feita! Eduardo Santos vai chutar para o meio do campo



No Lumiar A, por vezes, a luta travou-se reabida junto às balizas de Eduardo Santos. Et-lo em acção, protegido por Marques. Armando, no posto de centro-avancado, aguarda os acontecimentos. Ao longe, Rafael espreita...



Uma jogada do melhor estilo! O guarda-redes está bem lançado, e o avançado carrega com energia. Belo esforço atlético!



José Pedro, em foco, numa das suas insistências do jogo. Em volta dele, um círculo de ferro...

Um acto importante na vida do BENFICA

Na passada segunda-feira foi assinada a escritura da sede do Benfica e terrenos adjacentes, numa Repartição da Fazenda Pública. O acto teve significado, competendo todos os Copos Gerentes do Benfica. Fernando Neves Lourenço, tesoureiro do Benfica, ao assinar o documento.



Mathews vale 2 mil contos

Vários aspectos do futebol inglês

LONDRES — (Especial de Fernando Mendes para «Stadium»).

A despeito de habitar Londres apenas há 2 anos e meio, julgo que me vou habituando já o melhor possível com os usos e costumes desportivos da velha Inglaterra, bem diferentes daqueles a que estava ligado, embora o não pareça.

Não supunha em Lisboa, por exemplo, que fosse possível falar-se com tanta «serenidade» de uma transferência de 2 mil contos (caso de Mathews). Pois isso sucede em Londres...

A discórdia começou quando o «Ston» — nome por que é conhecido o célebre Mathews — comunicou à direcção do Stoke que estava apto a jogar (há 5 semanas que já não alinhava pelo seu grupo devido a ter sido etocado). A direcção resolveu que ele fizesse um desafio na reserva, contra o Aston Villa, antes de voltar à primeira categoria. A principal razão da atitude da direcção do Stoke, segundo alguns, resultou do facto do primeiro grupo ter ganho 5 jogos consecutivos no campeonato da Liga e não desejar aliar-lhe tão vitoriosa «composição». Além disso, o substituto do «Ston», Mouniford, tem cumprido muito bem no seu lugar. Seja como for, o que é certo é que o famoso extremo-direito, que o público português teve a oportunidade de ver quando da visita da R. A. F. a Lisboa, se recusou a alinhar pelas reservas e preferiu assistir ao jogo entre o Blackpool (3) — Manchester United (1).

Mathews treinou com os jogadores do Blackpool, pelo qual jogou várias vezes durante a guerra.

Blackpool é a cidade onde possui um hotel, «South Shore», e onde habita com sua mulher e dois filhos.

O Chelsea, caso a discórdia não amainhasse e ele estivesse disposto a pedir a sua transferência, estava pronto a dar £20.000 ou sejam 2.000.000\$00, a transferência mais bem paga até à data. A cabeça da lista das transferências está o Byrn Jones, que veio do Wolves para o Arsenal, em Agosto de 1938, por 1.540.000\$00, e a seguir vêm:

J. Allen, do Portsmouth para o Aston Villa, em Junho de 1934 por 1.185.250\$00; F. O'Donnell, do Blackpool para o Aston Villa, em Novembro de 1938 por 1.155.000\$00; P. Doherty, do Blackpool para o Manchester, em Fevereiro de 1936 por 1.100.000\$00; E. Dodds, do Sheffield U, para o Blackpool, em Março de 1939 por 1.100.000\$00; Tommy Lawton, do Everton para o Chelsea, em Novembro de 1945 por 1.100.000\$00.

Já sabemos que Mathews ficará no Stoke...

O desafio entre o Arsenal e o Stoke City, a que assistiram mais de 62.000 pessoas, foi a melhor das competições realizadas ultimamente em Londres. Mais de 10.000 ficaram fora do campo por estar

esgotada a lotação. É de notar a maneira prática e simples como aqui se faz a entrada para o peão e bancada. Os aficionados passam por «turnstiles», como há no nosso Estádio Nacional, sem ser preciso apresentar bilhete de ingresso. Basta somente deixar o dinheiro na possegem dos «turnstiles». Estes «turnstiles» por sua vez vão automaticamente marcando o número das pessoas que passam através delas. O entusiasmo que se criou à volta deste desafio deve-se em parte à recente publicidade do caso de «Ston» e ao facto de muita gente desejar ver jogar o seu substituto, Mouniford, um elemento de recursos, mas que neste desafio não conseguiu; afinal, ser o homem do dia.

Na verdade, essa distinção parece ter cabido mais uma vez a Mathews, pois todos os jornais de domingo traziam a sua fotografia como mero espectador do desafio Blackpool-Manchester United. Finalmente, a sequência de vitórias conseguidas pelo Stoke, nos seus últimos 5 jogos, terminou no campo de Highbury, o campo do Arsenal, quando este grupo de grandes tradições, mas ainda longe de estar em boa forma, bateu os visitantes



Mathews, o famoso jogador inglês, ao treinar no nosso Estádio Nacional, fala com os jornalistas. As suas opiniões interessam também aos seus companheiros

por 1-0, com um tento do Dr. O'Flanagan, aos 35 minutos da primeira parte. Foi esta a primeira vitória do Arsenal no seu campo, este ano. O Stoke jogou melhor e perdeu algumas ocasiões e houve uma que Mouniford, no começo do desafio, sozinho em frente das redes, chutou para fora. De facto, este jogador, sobre quem recaía a atenção geral, não jogou o que era de esperar... Ao seu guarda-redes Swidin deve o Arsenal em parte a grande vitória que alcançou. Scott, o Internacional Inglês, que deve ser um dos efectivos do grupo da Inglaterra contra Portugal, actuou muito bem. Pelo Arsenal, alinhou a Interior direito um Islândês de nome Gudmundson, sendo o primeiro jogador da

Islândia a alinhar no campeonato da Liga Inglesa. Causou boa impressão.

A visita do Sparta. Quatro derrotas

A visita do Sparta mais uma vez veio confirmar a dificuldade que há em bater os Ingleses na Grã-Bretanha. Nos 5 jogos os «checos» só ganharam um e esse foi contra o último classificado numa das séries do Campeonato Escocês. Os «checos» mostraram bom entendimento, mas hesitação em frente das redes, o que é fatal quando se joga contra equipas duras e práticas como as Inglesas.

F. M.

2.ª DIVISÃO DA A. F. L.

O ESTORIL PRAIA

viu muito aumentadas as suas possibilidades de ser campeão... porque o Operário bateu o Futebol Benfica

O campeonato da II Divisão da A. F. L. prosseguia no último domingo com os encontros correspondentes à oitava «onda» do torneio. O certo é que a antepenúltima jornada dissipou dúvidas quanto ao provável vencedor da prova.

Antes havia dois clubes — Estoril e Futebol Benfica — em igualdade para o primeiro posto da classificação, recorrendo-se aos resultados feitos entre si para determinar o favorito, que era o Estoril.

Agora o grupo da Costa do Sol tem a sua posição consolidada, mercê da derrota sofrida pelos benfiquistas, o que permitirá aos estorilistas uma derrota sem que isso lhe faça perder a sua invejável situação.

Mas se diminuía o interesse com vista ao título de campeão, aumentou a expectativa quanto ao de subcampeão — um «caso» a dirimir agora entre Futebol Benfica e o Operário. Indubitavelmente este antigo clube de S. Vicente tem de ser apontado como um exemplo de dedicação e perseverança de dirigentes e jogadores. Arrostando com a maior estocidade o contratempo da falta de campo, o Operário

tem vencido todas as dificuldades e pode gabar-se de uma carreira brilhante na prova.

O Casa Pia parece capaz de fixar-se em quarto lugar, enquanto o Arroios e o Sacavenense continuam empenhados em fugir ao último lugar.

Apontava-se como jogo de maior interesse o que se desenrolaria no campo Francisco Lázaro, entre o Futebol Benfica e o Operário. Concedia-se favoritismo aos benfiquistas... mas recomendava-se-lhe cautela. Ora isto significa que se admita que os «operários» seriam capazes de comprometer as últimas esperanças do F. Benfica. Desta maneira a vitória do antigo grupo de S. Vicente não chega a constituir surpresa. O que pode causar estranheza é que o triunfo fosse tão nítido (5-0). Mas, para quem tiver assistido ao encontro, ele aceita-se com a maior naturalidade e não teria surpreendido se tivesse sido, ainda, mais expressivo.

Aparte os 20 minutos iniciais do encontro, o Operário mostrou-se superior e, sobretudo, mais interessado na conquista

dam bom resultado. A voluntariedade e o dispêndio generoso de energia continuam a ser apanágio dos jogadores da equipa. E, assim, o empate (0-0) ao intervalo era já lisonjeiro para os visitantes. Independentemente da vontade mais forte, a equipa visitante jogou melhor, com razoável entendimento e sentido de entre-ajuda entre todos os seus elementos. Seja-nos, porém, permitido salientar o comportamento dos avançados, de Amoreira e de Délio. Os benfiquenses não tiveram, no domingo, talento para remar contra a maré...

O Casa Pia e o Arroios fizeram o resultado do encontro na primeira parte. A vitória dos caspianos por 2-1 está certa. A equipa, passados os primeiros 15 minutos, mostra-se mais capaz de triunfar. Fez um gol... mas consentia o empate, para, um minuto volvido, lograr novo tento. Este ponto, em tais condições, pode muito bem ter ditado a sorte da lata. Refreou o entusiasmo que poderia invadir o Arroios e deu nova confiança aos do Casa Pia. E pelo tempo fora os antigos rapazes do Restelo souberam justificar o resultado.

O Estoril regressou de Sacavém com resultado reconfortante: 5-1. Mas, como tantas vezes tem sucedido, a sua supremacia tardou a encontrar compensação. No intervalo o 1-1 não contrariava o desenrolar das «operações». Os sacavenenses foram muito animosos, oferecendo séria resistência.

D. D.

Do Campeonato de Portugal à Taça de Honra

última competição da época

ESTA a terminar a temporada do hóquei em patins — que, entre grupos nacionais, não proporcionou quaisquer novidades: O Paço de Arcos, em forma excelente, ganhou novamente os campeonatos de Lisboa (contando por triunfos as partidas disputadas e com marcação e pontuação recordes!) e de Portugal, também, mas este consentindo empate e derrota nos desafios que efectuou no Porto; e para não fugir à regra o Hóquei de Sintra voltou a classificar-se em 2.º lugar nas duas competições.

Se não fosse o torneio internacional de Montreux e a ida dos campeões nacionais à Catalunha, dir-se-ia que a modalidade não tivera «movimentação», como pouco sucedeu, aliás, no campo nacional...

Sòmente, pois, no capítulo internacional — na Suíça e em Espanha — os hoquistas lusitanos marcaram, como sempre, mas agora, talvez, mais do que até então, posição de grande relevo.

Para conclusão da temporada, está a disputar-se, com escasso interesse, a Taça de Honra — que é uma prova «para entreter» e sem qualquer significação ou utilidade prática: o público está fadado de tantos jogos e os jogado-

res, regra geral, não mostram empenho pelo torneio, tanto mais que, acabado, eles arrumam na prateleira *sticks* e patins! Para que serve então uma prova neste género?! Nem sequer como propaganda...

Quando a Taça de Honra, como sucedeu de 1935 até 1943, era disputada por todos os clubes — e no último ano até se bateu, com 12 equipas, o recorde das inscrições! — ainda havia curiosidade; mas depois adoptou-se o sistema das duas séries... e então a competição perdeu todo o interesse; e de 1946, para mais, é a eliminar — e ainda pior — porque em tais circunstâncias não há nem pode haver estímulo de espécie algu-

ma. Se até já se sabe quem vai ganhar...

Esta é a duodécima Taça; nas onze disputas havidas, sem interrupção, desde 1935, ficaram vencedores:

1935 Futebol Benfica; 1936 Benfica (a); 1937 Sporting (b); 1938 Benfica; 1939 Sporting; (a) 1940 Futebol Benfica (c); 1941 Paço de Arcos (a); 1942 Futebol Benfica; 1943 Paço de Arcos (a); 1944 Paço de Arcos (a); 1945 Hóquei de Sintra (a).

(a) — Só com vitórias; nos dois últimos anos, os vencedores de séries jogaram a final, triunfando, respectivamente, o Paço de Arcos por 4-2 e o H. C. de Sintra por

3-2, sendo ambos adversários das duas vezes.

(b) — Desempate com Benfica: 2-1.

(c) — Ilem com Sporting: 5-3. Por simples curiosidade — os amadores de estatísticas adoram estes trabalhos de números e de nomes — anotem-se os resultados completos que fizeram todos os clubes em todas as onze competições e que foram os seguintes:

	J.	V.	E.	D.	goals	P.
Futebol Benfica	61	42	7	12	271-129	182
Benfica	61	38	0	23	225-181	137
Paço de Arcos	46	38	1	7	289-122	123
Ateneu (b)	57	17	9	29	142-203	96
Lisgás (a)	45	19	3	21	165-146	83
Hóquei de Sintra	42	17	1	24	150-154	77
Sporting (e)	42	17	3	22	106-161	72
C. Ourique (a)	40	7	6	29	92-233	57
Ac. Amadora	26	9	3	14	89-98	47
Sporting Oeiras	19	11	1	7	77-79	42
Cascais	19	7	2	10	50-73	35
Hóquei C. P. (c)	13	3	1	9	21-32	17
Desp. Tabacos	11	2	—	9	40-72	15
Recr. Amadora	5	1	3	6-21	8	
Desp. Treze (d)	5	—	—	5	0-3	1

Totál: 490 jogos, 225 vitórias, 42 empates, 223 derrotas e 1.722 goals.

(a) — Umá falta cada: Lisgás em 1937 e Campo de Ourique em 1941.

(b) — Duas faltas: em 1936 e 1945.

(c) — Três faltas: em 1936.

(d) — Quatro faltas: em 1935.

(e) — Oito faltas: em 1941.

Marcaram-se, por consequência, no conjunto das 490 partidas, 1.722 goals — o que é importante, no período de 11 anos. Apenas o Futebol Benfica e o Benfica têm presença em todos os anos; e o Ateneu faltou só uma vez (1937), enquanto o Paço de Arcos, o Lisgás e o Sporting rejeitaram sete presenças cada um.

Jorge Monteiro

Natação

(Continuação da página 3)

de cinco modalidades: natação para, saltos, «water-polo», mar e salvamento.

Este pentatlo da natação resume, harmónica e eficientemente, a modalidade que dirigimos. Poderíamos prosseguir durante o Inverno a obra realizada no Verão. Mas onde? Como já disse, não temos piscinas, e muito menos cobertes.

Hoja respeito e consideração por aqueles que desinteressadamente trabalham pelo bem do desporto, para que possa continuar a haver dirigentes cheios de boa-vontade, e competência à altura da sua missão. E quem quiser fazer crítica, que a faça — mas construtiva. Através de lentes límpidas, que não tenham a triste laculdede de desfigurar a verdade.

Abreu Torres

Opiniões e alvitres

No «Primeiro de Janeiro»

Porque não? Um desafio internacional no Porto

DEFENDE-SE a realização, pelo menos, de um desafio internacional de futebol, esta época, na cidade do Porto. Argumentos:

«Nem todos os encontros previstos encherão de público o Estádio Nacional, pelo que o Lima serviria para o efeito.

E que a Federação não auferisse tantos lucros? A ideia do maior ganho tudo e todos deve sempre dominar?

Esquece-se que a massa dos jogadores nortenhos alguma coisa aprenderá vendo os ases em acção? Olvida-se que nem todos os amigos do futebol dispõem de meios monetários suficientes para uma deslocação a Lisboa? Omite-se que a realização de um jogo internacional em determinadas regiões é como que um prémio aos desportistas locais?

Não interessa os progressos dos jogadores, os encontros internacionais destinam-se apenas aos ricos, o Porto não merece tal prémio?»

Concordamos com a argumentação apresentada. O Porto, pela sua importância e pelo seu valor desportivo, merece um jogo internacional. Antes de existir o Estádio Nacional disputaram-se no Porto desafios internacionais, constituindo gloriosas jornadas do futebol português. Reatemos uma tradição e façamos propa-

ganda do Jogo. Já que temos esta época quatro desafios, não é demais marcar um para a cidade do Porto.

A ideia da fusão sob dois prismas

ESTA a ser debatida a ideia das fusões — hoje em moda. Há duas opiniões estranhas: a de aqueles que combatem a ideia a ferro e fogo; e a dos que a defendem de alto a baixo. Os primeiros nunca vêem vantagem em qualquer fusão. Os segundos defendem a ideia em toda e qualquer circunstância.

Vale a pena ilustrar o assunto. O atleta e jornalista Fernando Ferreira, no órgão do Benfica, mostra-se decididamente contra as fusões.

Partindo de que a fusão é a antítese de aquilo que se deve procurar nas práticas desportivas, que é a difusão, Fernando Ferreira defende e desenvolve o seu ponto de vista, afirmando que reduzir o número de clubes é diminuir o número de praticantes, e apresentando como reforço o panorama suco.

Na República, em artigo publicado a 28 de Outubro, diz-se que interessa ao desporto a formação de núcleos fortes com mais irradiação de popularidade e maior poder de captação de praticantes. Logo como réplica: aos Grandes parece não interessar a formação de núcleos fortes que possam tornar mais discutida a decisão das contendas; o que é estranho, visto a luta ser mais nobre quando os valores se equivalem. No mesmo artigo apresenta-se o exemplo

concreto de um clube de recente fusão (Oriental), que está a fomentar o gosto pelo desporto no seu bairro, movimentando algumas centenas de praticantes, que de outra forma não apareceriam nos terrenos do desporto.

Parece-nos, salvo melhor opinião, que ambas as posições extremas apresentam verdades e pontos fracos. As fusões constituem, em certas hipóteses, uma necessidade de vida, de ordem económica e mesmo desportiva.

Ficarão, por consequência, bem, no quadro de que mais vale um clube forte e com muitos praticantes, do que dois ou três fracos e num total menor de praticantes e possibilidades. Mas não se deve reclamar a fusão como panacea para todos os males. Há ainda, em certas e determinadas condições, princípios e um passado a defender que deverá ser inatacável. Também os valores morais são de ter em conta.

Confissão que pede sanção económica...

CONTOU-NOS um amigo, que muito prezamos, o seguinte: No fim da pelega Guedes-Paco Bueno, quando este descia do rectângulo e se dirigia para o vestiário, alguém exprobrou-lhe amargamente o seu procedimento no ring, tendo o campeão espanhol respondido mais ou menos nestas palavras.

— Tive de o poupar, por ter recebido ordens para não bater...

Bem sabemos o que é o pugilismo profissional, aqui, e, vamos lá, em toda a parte do mundo. A decência manda, no entanto, que se cale determinadas coisas, a menos que um pugilista tenha o orgulho de ser, publicamente, um *porcaihão*. De resto, este género de confissões está mesmo a pedir a sanção que mais dói ao profissional: chamada sanção económica.

O BENFICA *dominou!* O SEU 1: tempo fica na HISTORIA...



Um avançado do Benfica, de cabeça, consegue bater o guarda-redes. Goal? Talvez não...



Uma fotografia de arte! Um bailado estranho e acrobático. Teria havido ensaio?



Arsénio em luta com um médio atlético. Os outros também estão em movimento.

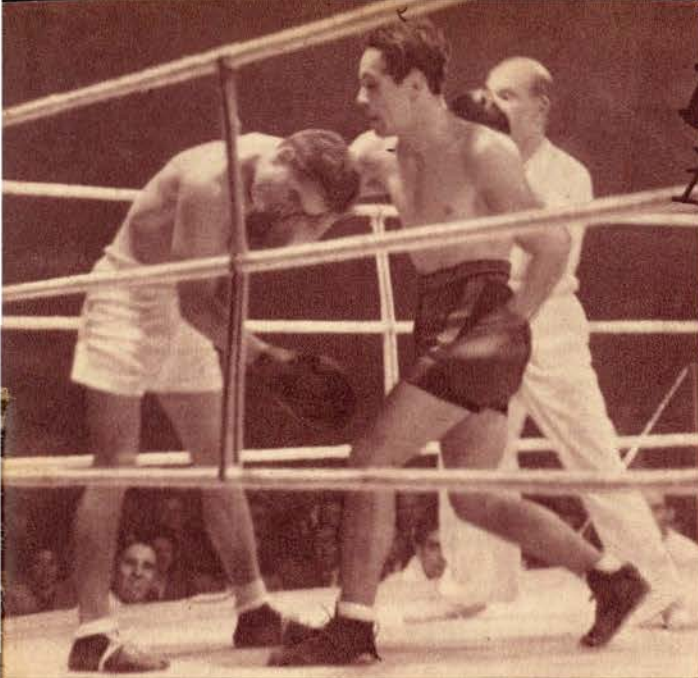


Um ataque impetuoso às redes do Atlético. Os guardaredes, se têm glória, também passam maus bocados!



Uma defesa difícil de Correia. Este e Castro estão em acção. Os avançados do Benfica são da tempera de não desistirem da luta.

BENI LEVI É POSTO FORA de COMBATE!



Beni Levy, o ídolo que baqueta, já está à disposição de Guilherme Martins, o ás que desponha, gloriolosamente. É assim a vida!



O gong salvará ainda Beni Levy. Mas a questão está praticamente resolvida... Um punho implacável cai sobre a cabeça do campeão destronado



Árbitro, na conta, em um dos knock-down de Beni Levy

BENI LEVI, ídolo popular que durante anos electrizou o público lisboeta abatendo magnificamente os melhores pugilistas espanhóis que lhe foram opositos, sucumbiu na quinta-feira, quase sem lutar, deante dos punhos de Guilherme Martins.

Não é aqui lugar para tanger elogios fúnebres nem para comentar com desenvolvimento as circunstâncias particulares que sempre acompanham o desenlace definitivo da carreira de um campeão. Mas, por se tratar de Levi, nome que figurará nos anais do pugilismo português gravado em letras rutilantes, não podemos deixar de nos deter um pouco em análise dos acontecimentos.

Primeiramente, seja-nos permitido bendizer a circunstância furtiva de que Beni haja tombado do seu pedestal não pelos punhos de um estrangeiro e fora do seu país mas em Portugal e às mãos de um compatriota. Em segundo lugar, que a derrota fosse tão radical e completa como o foi, a fim de convencer o moçambicano da imperiosa necessidade de pendurar as luvas por uma vez e para sempre.

Levi, desde há muito tempo, revelara aos que conhecem um pouco do assunto os estigmas sempre mais profundos da sua decadência física. Possuindo uma técnica pobre e assentando o mérito próprio em qualidades invulgares, já gastas e perdidas, achava-se sujeito à queda brusca, vertical, que se verificou na quinta-feira.

O combate durou quatro assaltos mas, na verdade, não existiu. Martins havia destruído a confiança de Levi em si próprio, por ocasião do primeiro encontro celebrado há um mês. Por seu lado, ganhara a certeza de sobrepujar o antigo campeão e isso deu-lhe energias novas. Desde o primeiro sinal se observou que Martins subira ao quadrângulo para ganhar e que ganharia. O ascendente moral que alcançara sobre Levi, actuando por dois modos, elevou as suas faculdades e reduziu as do adversário.

Levi não esboçou defesa séria. O público ainda o impulsionou com generosidade, animando-o com o «grito de guerra», clássico, que foi o seu nome. Tudo inútil. Ferido no sobrolho direito ao primeiro assalto, pisado nas feições ao segundo, cambaleante e vago no terceiro, estava fora-de-combate, ainda que de pé, no

momento da interrupção definitiva.

Levi foi batido por K-O técnico ao 4.º assalto e ninguém pode escamotear a Guilherme Martins os benefícios desta estrondosa e considerável vitória.

Sem querermos reduzir aqui a importância do resultado, somos de opinião que não traduz, como pode parecer à primeira vista, uma subida de classe inopinada do vencedor. Terá ainda muito que andar até atingir o nível que Levi outrora ocupou, se é que lá pode chegar por seus méritos!

Esgrime conscientemente, encaixa e bate com mediana potência e tem pundonor profissional. Num meio tão reduzido, escasso e miserável como o do boxe português é de assaltar a sua actividade bem como a orientação de Francisco de Brito, seu cuidador atlado e experiente, que decerto o guindará a altos destinos.

Dos restantes combates da excelente sessão do Coliseu dos Recreios, destacaremos o último, entre Valente Rocha e Souza 2.º que terminou por um empate. Apesar de mais leve, Souza permitiu-se o luxo de atacar e obteve algum domínio, chegando a ferir num sobrolho o adversário. Este, pouco animoso, quiz desistir mas acabou por abater Souza e salvou-se da derrota.

Valente Rocha é dotado de rara habilidade mas não tem o mínimo brio profissional, abandonando a luta sempre que as coisas lhe correm contrárias.

Rocha 2.º ganhou imerecidamente a Cruz Passos, por pontos, em 8 rounds. O empate era mais justo ainda que Rocha evidenciasse excelente combatividade e resistência. Quase que nos parece incrível que Passos, possuindo vantagens físicas enormes, se conduza com tão pouco acerto no quadrângulo e não tire partido dessas vantagens!

A abrir a sessão apresentaram-se dois principiantes. Manuel Duarte venceu Orlando Martins sem favor e demonstrou melhor sentido da tática e da técnica do jogo do boxe, mas ambos muito crús para se exibirem publicamente como pugilistas.

Foi, em resumo, um bom espectáculo num ambiente de muito entusiasmo como poucas vezes se vê.

R. BARRADAS

Comentários

Nova época, melhor começo

A BRIU a temporada do andebol e verifica-se, afinal, que o intervalo do período de desfo foi insuficiente para arrumação dos conflitos gerados nos fins da época passada.

Se, em Lisboa, o organismo dirigente, confiado a mãos seguras e prudentes, se mantém na melhor harmonia de colaboração com os clubes seus filiados, no Porto a tempestade estalou e os directivos da Associação regional foram reconhecidos culpados de fallas tão graves que provocaram a sua exoneração pelo sr. Ministro da Educação Nacional. Em consequência, o andebol portuense cessou toda a actividade, esperando que sejam nomeados novos dirigentes, seguramente em regime de Comissão Administrativa.

Entretanto, e com certeza no propósito de facilitar a solução — bastante complicada, a julgar pela tardança — o sr. Director Geral dos Desportos resolveu suspender a pena de um ano de suspensão aplicada aos delegados clubistas que, numa célebre assembleia geral da A. P. A., votaram em contrário ao preceituado pelo organismo superior do desporto; esse castigo deveria terminar em fins de Novembro.

Façamos votos para que breve esteja constituído o elenco directivo do andebol portuense, para pronto início das suas competições, nas quais continuará felizmente presente o Futebol Clube do Porto.

Sobre comentários alheios

CHEGOU agora, bastante atrasado, a nossas mãos o número de Setembro do interessante Boletim da Federação Catalã de Atletismo, no qual o presidente deste organismo, sr. José Corominas, formula algumas apreciações sobre o encontro entre portugueses e espanhóis disputado no Estádio de Montjuich. Porque nem tudo quanto diz corresponde à exacta expressão dos factos, sugeriu-nos estes comentários... aos seus comentários.

Estranha o dirigente catalão que desagradasse aos portugueses a composição do programa e justifica-se alegando que «é difícil harmonizar todos os interesses, sobretudo de quem se desloca, sempre com elementos em número inferior ao necessário, trazendo atletas, como Matos Fernandes, com provas tão dispareas como os 400 m. planos e com barreiras e os saltos em alturas».

Ninguém lhe contesta o argu-

mento, mas em Barcelona, por casualidade, toda a distribuição de provas era contrária à conveniência dos portugueses; as três provas de Matos na mesma jornada, os 400 m. na véspera dos 200 m., o mesmo em referência aos 1.500 m. e 800 m., aos 10.000 m. e 5.000 metros.

A todos os dirigentes portugueses pareceu excessiva acumulação de coincidências!

Também declara o sr. Corominas que não ficou convencido com a forma de pontuação atribuída no «match»: 4, 3, 2 e 1.

Os portugueses tão pouco. E tanto assim, que propuseram à Federação Espanhola a alteração para 5, 3, 2 e 1, que não foi aceite!

Parece, por aqui, que a confiança dos dirigentes do país vizinho nas suas primeiras figuras não era grande; não os censuraremos, mas não vale, agora, vir atribuir-nos responsabilidades que são da gente da casa.

Afigura-se, ainda, exagerada ao sr. Corominas a insistência com que a nossa crítica culpa a fadiga da viagem e a alimentação, como causadoras da derrota. «Chegar com mais de 48 h. de antecedência e ficar alojado

Do sr. Alfredo Amaral, do Porto, que é um leitor que vivamente vem interessando-se pela nossa Revista, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director da «Stadium» — Como sou um pouco desportista, sou assíduo leitor no Norte da vossa interessante Revista.

Apesar de já velhote, dedico-me com grande prazer ao desporto da Pesca Desportiva, fazendo parte da secção de pesca do Futebol Clube do Porto, e grato lhe ficaria a V. se salientasse na vossa Revista um pouco deste desporto, pois que no Norte já têm dois importantes clubes as suas secções de pesca, como sejam o F. C. do Porto e Desportivo de Portugal. Além disso, centenas de adeptos praticam este salutar desporto.

E como V. tem na Revista um cantinho «Mosaicos Nortenhos», grato lhe ficaria que aparecesse de vez em quando um pouco que fosse sobre Pesca.

Desculpe fazê-lo perder algum tempo, mas há tantos apaixonados por este desporto, que me sentia satisfeito ler de vez em quando na vossa Revista, como acima digo, alguma coisa sobre este Desporto.

Começamos primeiramente por agradecer o interesse do sr. Alfredo Amaral pela «Stadium». Acrescentaremos em seguida que também nós apreciamos muito a pesca desportiva, que começa a ser praticada no nosso país por grande número de pessoas, oferecendo os maiores atractivos. Esta pesca interessa sob todos os pontos de vista, revigorando o

— junto com a equipa espanhola — num dos melhores hotéis de Barcelona, não pode ter influído decisivamente na acção dos atletas».

O raciocínio está certo e coincide com o critério apresentado na «Stadium» pelo seu redactor da especialidade; não pode portanto o presidente da F. C. A. generalizar, como faz, a referência de desculpa.

Sobre um ponto estamos inteiramente de acordo com ele: os cronometristas catalães são maus, tão maus pelo menos como os que exercem funções nos torneios portugueses.

Uma iniciativa perdida?

QUANDO o nosso colega «Mundo Desportivo» lançou a ideia de organização de um Congresso dos clubes de ginástica, mereceu a sua feliz iniciativa os mais rasgados aplausos unânimes. Começaram prontamente os trabalhos de Comissão Organizadora, com o patrocínio e a cooperação da própria Direcção Geral dos Desportos, que

reconheceu os benefícios a colher do Congresso, em primeiro lugar a fundação, há tanto desejada, de uma federação nacional de ginástica.

Muito simplesmente correram os meses, uns após outros, e do projecto não se ouve mais falar. Porquê?

A interrogação surgiu-nos no espírito, com particular insistência, quando tivemos conhecimento de que a Federação Internacional de Ginástica Ling se propõe reunir em Lisboa, no ano próximo, o seu primeiro Congresso de pós-guerra.

É indispensável reanimar a iniciativa de «Mundo Desportivo», para que tal suceda, confiamos na tenacidade e no entusiasmo de Raul de Oliveira, que não costumava deixar morrer a meio caminho os seus empreendimentos.

O Congresso dos clubes praticantes da ginástica, cujo plano geral fora já delineado e distribuído até os diferentes trabalhos a apresentar nas suas sessões, trar-nos-ia uma excelente oportunidade para estudo e discussão de importantes problemas, embora se alheasse, como fora assente, de discutir ou apreciar questões doutrinárias ou técnicas.

A Federação de Ginástica, organismo que tem um considerável papel centralizador a desempenhar, é de urgente necessidade; será a consequência lógica da celebração do Congresso e, que mais não fosse, só por isso se torna conveniente insistir na sua realização, estimular com o irrecusado de uma propaganda construtiva a vontade dos seus propostos iniciadores.

O CANTINHO do nosso leitor

homem e desenvolvendo-lhe até a inteligência.

A sugestão do nosso prezado leitor vem, assim, de encontro a uma ideia que já tinhamos em mente. Procuraremos, de futuro, não só acompanhar o novo movimento em Portugal, como divulgar ainda os princípios técnicos da pesca desportiva. Assim o permita o espaço.

Do sr. Alvaro C. da Silva, da Figueira da Foz, recebemos também uma carta que revela o interesse dos nossos leitores e amigos pela «Stadium». Gostosamente a publicamos.

Sr. Dr. Guilhermino de Matos — Já há tempos mandei para aí um pedido de esclarecimento sobre um ciclista, aqui, da Figueira da Foz; queria saber quantas as suas vitórias e outros aspectos da sua vida de atleta...

Com imensa tristeza minha nada me responderam. Ora, a «Stadium» publica em quase todos os números uma secção em que responde a perguntas formuladas sobre futebol, e só sobre futebol, esclarecendo ideias e

questões no âmbito desse desporto.

Parece-me, e julgo que o ser coleccionador da «Stadium» desde o primeiro número me confere alguns direitos, que a Revista deveria proceder de maneira idêntica para todos os desportos. Porque não cria essa Revista uma Secção semelhante para ciclismo, atletismo, boxe, natação e outras modalidades? Ou julgará o sr. Director que o futebol é o único desporto que preocupa a gente portuguesa? Espero uma resposta e ver este meu pedido atendido.

Certo, o crédito de coleccionador da «Stadium» desde o primeiro número dá-lhe todos os direitos nesta casa. Mas a sua ideia não poderá executar-se. Nós temos dificuldade, por falta de tempo, em publicar regularmente a Secção a que se refere, na página No Mundo da Bola — quanto mais alargar a iniciativa! «Stadium», no entanto, afirma, e assim o tem demonstrado em toda a sua existência, que procura servir o desporto dando a cada modalidade o quinhão devido pelo seu interesse e expansão. Dentro de pouco tempo, com um número maior de páginas, poderemos alargar até os nossos horizontes.

Análise da temporada de 1946

VIII — O atletismo feminino

O atletismo feminino português, que nunca conseguia tomar expansão apreciável, foi sempre — felizmente — uma forma salutar de prática do exercício físico, sem preocupações de apuramento de resultados que trouxesse consequências que desvirtuassem as finalidades restritas do desporto no âmbito das raparigas.

Todas as nossas cultivadoras do atletismo conservaram a sua encantadora feminilidade, porque praticamente mais «brincaram ao atletismo» do que encerraram a sério uma preparação que as levasse aos limites de marcas internacionais.

Aquelas que mais se distinguiram, Lucília Silva, Ester Ramos e, agora, Hedi de Sá, fizeram-no em virtude de qualidades naturais apenas aproveitadas e que as poderiam ter levado longe se houvessem sido estimuladas por uma rigorosa especialização.

Estas considerações são indispensáveis para dar o tom em qualquer análise colectiva do atletismo feminino português; temos que o julgar guiado por objectivos diferentes do atletismo masculino, como distracção salutar em vez de desporto propriamente atlético.

A temporada de 1946, resumida, como vem sendo costume, ao mínimo estritamente indispensável, foi contada bastante mais animada e concorrida do que a imediata precedente: aumentou o número de participantes e me-

horou o nível das competições.

Hedi de Sá, com o seu desbaração e cuidadosa preparação física, é a figura dominante do lote de praticantes; em consequência da organização dos campeonatos em duas jornadas consecutivas — o que a obrigou a limitar a sua actividade a três provas — não participou nas corridas, nas quais com certa dominância facilmente todas as adversárias. Estreante em barreiras, conseguia descer de um segundo — para 13,9 s. — o recorde de Olga Ribeiro, e foi a primeira a percorrer, entre nós, a distância com três passos entre os obstáculos.

Inevitável também nos saltos, venceu os concursos de altura com 1,30 metros, exibindo um rolamento ainda imperfeito, mas já apreciável, e logrou bater por meio centímetro (4,695 metros) o já velho recorde nacional da portuense Emilia Carreilhas.

Estas marcas, notáveis pelo seu eclecticismo equilibrado, são, para o nosso meio, excepcionais.

Depois desta campeã número

um, encontra-se um bloco de valores aproximados que poderemos englobar na mesma categoria, para efeitos de apreciação: Dália Cunha, Ivone Martins, Georgete Duarte; seguidas por Natália Cunha, Leonor Rosa, Almerinda Correia e Deolinda Meson.

Vamos considerar à sua acção pela apresentação das melhores marcas em cada prova do programa oficial (que poderia ser vantajosamente modificado nas distâncias das corridas para as distâncias internacionais).

60 metros: Ivone Martins (Bel.), 8,6 s.; Deolinda Meson (Sp.), Dália Cunha (Sp.), 8,7 s.; Almerinda Correia (Alm.), Hermínia Soveral (Bel.), 8,9 s.

A belenense Ivone Martins progrediu bastante desde a época anterior e o seu melhor tempo classifica-a em 8.º lugar na tabela dos resultados nacionais (Lucília Silva 8 s.; Ilda Leite Dias 8,1 s.; Maria Minnemann 8,3 s.; Helena Ferreira e Olga Ribeiro 8,4 s.; Judite de Macedo e Hedi de Sá 8,5 s.).

Das restantes citadas, Dália Cunha é a que demonstra maiores possibilidades.

150 metros: Georgete Duarte (Bel.), 22,1 s.; Deolinda Meson e Natália Cunha (Sp.), 22,4 s.; Hermínia Soveral (Bel.), 23,1 s.; Maria Celeste (Bel.), 24,6 s.

Resultados fracos; a própria Georgete não conseguia igualar a sua melhor marca (21,9 s. em 20-8-44); Natália Cunha (7.º resultado português), tal como dissemos de sua irmã, é elemento com qualidades para marcar, nam futuro próximo, posição de realce.

Barreiras 80 metros: Hedi de Sá (Sp.), 13,9 s.; Georgete Duarte (Bel.), 14,2 s.

Não houve mais concorrentes em barreiras; se Hedi de Sá nos revelou magníficas possibilidades, Georgete também progrediu muitíssimo, batendo o antigo recorde. A corredora belenense igualmente conseguia os três passos entre barreiras.

Salto em altura: Hedi de Sá (Sp.) 1,30 metros; Ivone Martins (Bel.) e Dália Cunha (Sp.), 1,20 metros.

Só a campeã mostrou noções exactas de técnica; as outras das transpõem a barra, mas não saltam.

Salto em comprimento: Hedi de Sá (Sp.), 4,695 metros; Ivone Martins (Bel.), 4,345 metros; Leonor Rosa (Bel.), 4,11 metros; Maria Celeste (Bel.), 3,78 metros; Maria Guimarães (Sp.), 3,685 metros.

Hedi de Sá (4,455 metros nos Regionais) sabe saltar e tira proveito da sua cuidadosa preparação; Ivone e Leonor servem-se da velocidade para alcançar distâncias que vão ocupar na lista nacional o 5.º e o 16.º lugares.

Lançamento do peso: Dália Cunha (Sp.), 8,52 metros; Almerinda Correia (Alm.), 7,56 metros; Natália Cunha (Sp.), 7,27 metros.

Das restantes não vale a pena falar.

Dália Cunha foi uma revelação, obtendo, para estreia, um resultado que é a 3.ª marca portuguesa. Convenientemente preparada, porque naturalmente há muito que desbater no seu estilo de principiante, tem o recorde ao seu alcance. A irmã Natália — decididamente, filhas de peixe... — fica ocupando o 1.º lugar na escola nacional das lançadoras.

Lançamento do disco: Leonor Rosa (Bel.), 23,27 metros; Almerinda Correia (Alm.), 21,96 metros.

Lançamento do dardo: Leonor Rosa (Bel.), 19,44 metros; Almerinda Correia (Alm.), 18,56 metros.

Pobreza de resultados e pobreza de participantes, que nem merecem comentário. Nestas duas provas a nossa crise é total e nada indica que se remedeie.

Salazar Carreira

HIPISMO

Análise retrospectiva da época finda

II — Cavaleiros e montadas

RESERVÁMOS para hoje alguns comentários à actuação de cavaleiros e montadas durante a época que oficialmente findou e na qual houve conjuntos que se impuseram, outros que confirmaram a sua categoria e outros ainda que desceram levemente de forma.

Em nossa opinião, não há em Portugal ainda neste momento um grupo de cavalos excepcionais.

É indiscutível que de todo o lote dos nossos saltadores três sobressaem, constituindo neste momento a vanguarda dos nossos cavalos de concurso. São eles o «Raso», o distintíssimo mas magnífico argentino de fama internacional; o «Tete», um irlandês de que quase todos desariam mas que surge com admirável preparação, e o «Zauri», cavalo de grande categoria, em que se depositam algumas das melhores esperanças do hipismo nacional.

Nam plano já mais baixo, talvez porque ainda não mostraram tudo quanto valem, devem colocar-se o argentino «Xerez», os irlandeses «Hoppelull Don» e «Voaga» e até os nacionais «Brioso III» e «Tobrack». Uma referência especial a «Relused», um irlandês com menos de um

ano de ensino, mas já com um curioso palmarés.

Ainda no lote dos nossos bons saltadores surgem-nos «Optas», «Ribamar», «Jocosos», «Abranhos», «Sado», «Ebro», «Douro», «Gaudiana», «Desejado», «Rajah» e até o «Académico», que, apesar dos seus quase seiscentos quilos de peso, continua compridor.

Baixaram de forma «Congo», «Paol», «Gasa», «Selecto» e «Benguela», mas das últimas remontas começam a evidenciar-se «Alcoa», «Aldeen», «Kilcarthy» e «Evelyne», alguns dos quais nos parece poderem ir longe.

Quanto a conjuntos, devem citar-se os que, pelas classificações que obtiveram, não deixam dúvidas sobre o seu valor. Assim, indiquem-se Correla Barreto com «Raso», vencedor da «Omnium» e «Taça de Honra» do Porto, da prova «Ministério das Finanças» e do «Grande Prémio» de Mafra e de «Estrangeiros» e «Grande Prémio» de Cascais; José Carvalhosa com «Tete», o grapo melhor classificado da equipa portuguesa no conjunto de provas em Madrid e ainda vencedor do «Grande Prémio» do Porto, da «Prova Torres Novas» e da «Taça Costa do Sol» do Concurso de Cascais; o mesmo cavaleiro com «Zauri», que

conseguia a vitória da «Caça» de Mafra e contribuía em muito para a conquista da «Taça de Ouro da Península».

E de salientar a maneira diferente como José Carvalhosa se apresenta nos dois cavalos, tirando deles o melhor partido. Enquanto que com o «Tete» o brilhante concursista nos surge na sua «Monte» habitual, com o «Zauri», adaptou-se às qualidades do cavalo para não o forçar a adaptar-se à sua maneira de conduzir.

Como conjuntos notáveis devem também apresentar-se Henrique Calado com «Relused» e «Abranhos»; Miranda Dias com «Brioso III»; Joviano Ramos com «Voaga» e «Douro»; Alves Pereira com «Sado»; Pimenta da Gama com «Xerez»; Guedes de Campos com «Ribamar»; Travassos Lopes com «Académico»; Barros e Cunha com «Jocosos»; Hélder Martins com «Optas»; Mena e Silva com «Rajah»; Lemos da Silveira com «Gaudiana» e Marquês do Fanchal com «Ebro», todos revelando bom entendimento e o necessário equilíbrio.

Como término desta simples análise, resta-nos apontar um facto que muito virá contribuir para uma ilustre melhoria do nosso hipismo. É que o Governo, há muito interessado na compra de cavalos de desporto, envia a França o delegado do Ministério da Guerra, tenente-coronel Ivens Ferraz, que ali adquiriu mais de 50 anglo-árabes, muitos dos quais se encontram já no nosso país. Com eles se procurará manter as gloriosas tradições da nossa cavalaria.

ANTAS TEIXEIRA



António Feliciano



Fernando Peyroteo



Carlos Pereira



José Simões

ANTOLOGIA

dos JOGADORES de FUTEBOL

JEAN ERKENASI é um viajado jornalista francês de desporto. A sua especialidade é o futebol e o seu jornal o interessante «Record», de Paris.

Na época transacta viu jogar as selecções de nove países. Esteve em Zurique, em Genebra, em Bruxelas, em Londres — e em Lisboa, no nosso Estádio Nacional. Naquelas cidades e no seu Paris presenciou desafios importantes, decisivos, para a hegemonia que no futebol todos procuram alcançar... Viu em acção noventa e nove jogadores, os mais famosos da França, da Suíça e da Itália, da Suécia e da Bélgica, da Checoslováquia e da Austria, da Inglaterra e de Portugal. Viu jogar os grandes Matthæus, Ploia, Ben Barek... viu jogar os nossos compatriotas... Viu como eles ganharam à França — a mesma França que algum tempo depois derrotou os checos e os «mestres» da «velha Albion», da terra do simbólico «John Bull»...

E, ao terminar a época, Erkenasi fez o balanço do que pôde observar nas suas andanças pela velha Europa. Homem que sabe ver futebol o jornalista francês fez esta coisa que muito nos deve agradar: colocou Feliciano e Peyroteo no lote dos melhores jogadores europeus!

Mas, leitores, não foi esta a primeira vez que jogadores portugueses figuraram entre os melhores. Lembremo-nos bem que, em 1928, quando da gloriosa época de Amesterdão, os críticos presentes no Estádio Olímpico da grande cidade holandesa afirmavam que alguns dos nossos tinham sido — dos melhores que estiveram nos jogos...

E foi assim que Roquete e Jorge Vieira, Augusto Silva e Raul de Figueiredo, o sempre saudosos «Tamanqueiros», Victor Silva e o desditoso «Pepe», apareceram no lote dos grandes jogadores da 9.^a Olimpíada. E jogadores famosos ali compareceram — alemães, suíços, italianos, franceses, belgas, argentinos, uruguaios...

Foi um grande «team» o que em Amesterdão representou brilhantemente o futebol português. Roquete, Carlos Alves, Jorge Vieira, Raul de Figueiredo, Augusto Silva, Cesar de Matos, Waldemar Mota, José Manuel Soares, Victor Silva, Armando Martins e José Manuel Martins... Quase o mesmo «team» que, em 1928, empatou com a Argentina, a França em (Paris) e a Espanha — e que, no Porto, no

desaparecido Ameal, bateu a Itália, por 4-1.

Grande equipa, efectivamente! Será a de agora — a que venceu a França e a Irlanda e praticamente a que bateu a R. A. F. — igual à de então? Melhor? Pior? Parece-me impossível a comparação. Temos de novo uma boa selecção. E pronto...

E temos tido magníficos jogadores. Inevitavelmente. Vamos fazê-los desfilarem nesta breve antologia, a partir de 1921 — desde o 1.^o Portugal-Espanha.

Nem todos, é claro, tiveram ou têm classe para figurar numa lista «dos melhores da Europa». Mas foram ou são bons elementos. Rapazes que venceram boas selecções nacionais — mas que nunca conseguiram ganhar à Espanha!...

Azevedo e Roquete e são no cume dos guarda-redes, em cujo lote podem ainda figurar Carlos Guimarães, o nosso primeiro «keeper» internacional, Francisco Vieira, o popular «Chiquinho», Cipriano, Artur Augusto, Soares dos Reis, Augusto Amaro, Artur Dyson...

E se observarmos o grupo dos defesas encontramos nomes dos mais famosos. Mas não só famosos. Nomes de grandes jogadores, efectivamente, Jorge Vieira, Carlos Alves, o homem das perturbadoras e enigmáticas «luvas pretas», António Pinho, José Simões, a quem a morte tão prematuramente levou, Gaspar Pinto, Gustavo Teixeira, Avelino Martins, Jurado, ainda hoje em actividade no Ginásio do Sul, Alvaro Cardoso, Guilhar, Manuel Marques, e o «melhor da Europa» Antão Feliciano. E nos médios? Também aí Portugal tem sido fértil em bons jogadores.

Velam este cacharote: Victor Gonçalves, Candido de Oliveira, o esgulo Henrique Portela, Felipe dos Santos, João Francisco, que foi internacional a «half» direito e a avançado centro — o autor do gol que deu a Portugal a primeira vitória internacional, sobre a Itália, em 18 de Junho de 1925 — Alvaro Pereira, Augusto Silva, o herói do desafio com a Iugoslávia, nos Jogos de 1928, Raul de Figueiredo, o inimitável «Tamanqueiro», Varela, Cesar de Matos, o «jogador que vós» — recordam-se?... — Mariano Amaro, outra vez Gaspar Pinto, Francisco Albino, Carlos Pereira, Francisco Ferreira, Francisco Moreira, Rui de Araujo, Fernando de Jesus...

E que dizer dos avançados?

Vejo, no lugar de extremo direito, José Maria Graha, Fernando Antonio, Liberto dos Santos, o grande Waldemar Mota, o que marcou tres bolas aos italianos, Mario de Carvalho, Domingos das Neves, Raul Jorge, o ilheu João Ramos, esse belo dominador da bola que era Adolfo Mourão, Abrantes Mendes, Espirito Santo, Torres Pereira.

Do lado oposto lá estão o fulgurante Alberto Augusto, «Batatinha», Hugo Leitão, Manuel Rodrigues, Alberto Rio, Manuel Fonseca, José Manuel Martins, Eduardo Mourinha, Alfredo Valadas, Rafael, José Luis e o famoso Rogério...

Ao centro do ataque, com Victor Silva e Peyroteo na vanguarda, tão diferentes um do outro, deparo com Manuel Soeiro, Espirito Santo, Ribeiro dos Reis, João Francisco, o malogrado Acácio Mesquita, Alfredo de Sousa, Rui Cunha, Fernando Cabrita, Silva Marques, Severo Tiago...

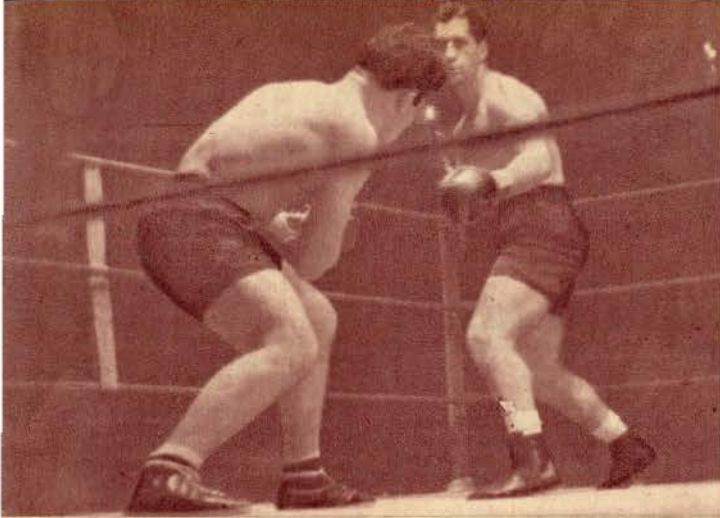
Depois nos lugares de interiores, ponho à frente o extraordinário Artur de Sousa «Pinga». E, por aí fora, encontro Artur Augusto, o «Batata», «Pepe», António Lopes, João dos Santos, Armando Martins, Waldemar Mota, Bernardo Soares, Jaime Gonçalves — o homem que bateu Zamora — Manuel Soeiro, Alberto Gomes, Artur Quarresma, Gomes da Costa — que tão longe podia ir, se quisesse... — Salvador, José Delfim, Jorge Tavares, Jesus Cesapo, José Balbino...

E se fór mais longe, mais para além de 1921, aos tempos heróicos do futebol quem, vejo?

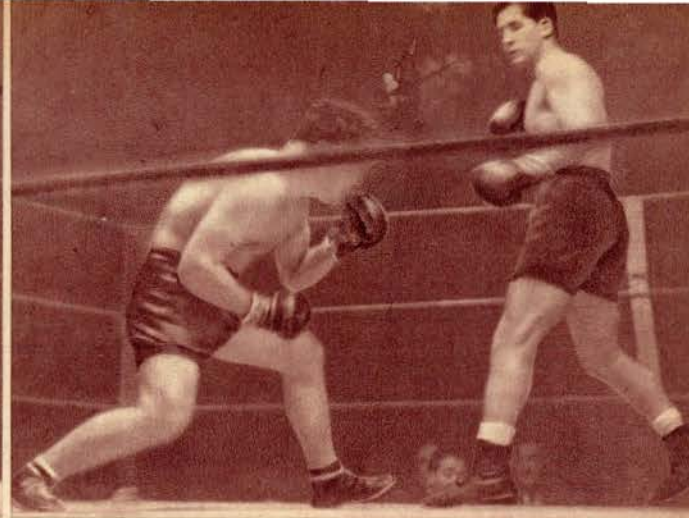
Alvaro Gaspar, o célebre e lendário «Chacha», Cosme Damião, os irmãos Stromp, «mestres» António José Pereira, Luis Vieira, Paiva Simões, Henrique Costa, Carlos Homem de Figueiredo, José Domingos Fernandes, o destemido e eclético Carlos Sobral, que teve a melhor morte que o seu espirito desportivo podia desejar, a lutar na selva com um leão, João Bentes, Amadeu Cruz, Pinto Basto, Boaventura Belo...

É longa a galeria dos grandes jogadores portugueses. Talvez nem todos tenham figurado nesta breve antologia — que é a um tempo roteiro de saudade e «filme» evocativo...

MANUEL MOTA



Paco Bueno aguarda o ataque de Guedes, que, em toda a peleja, se mostrou pouco resoluto



Paco Bueno em frente de Agostinho Guedes! O campeão português terá dificuldade em sair do canto. Paco sabe o que faz!

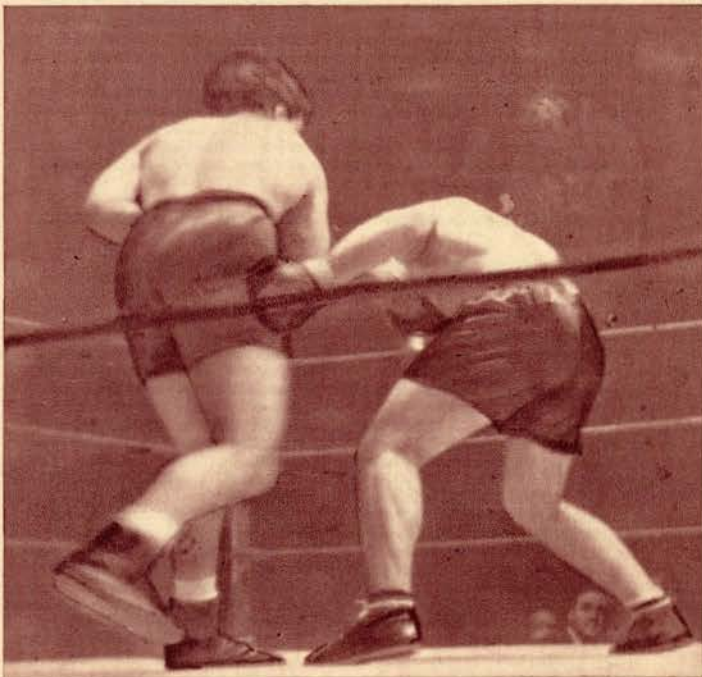
Tal como haveria de suceder no dia seguinte, quando Guilherme Martins derrotou Bení Levi, a sessão do Estádio Maier teve um apectivo primordial e esse foi o reaparecimento de Agostinho Guedes, detentor do título de campeão português dos «meio-pesados», cujas actividades nos ringues dos Estados- Unidos faziam supor enormes progressos.

Por um principio de honestidade profissional de que nunca nos afastamos, pusémos em dúvida, algumas vezes, o carácter das vitórias obtidas no país do dólar, não porque se nos afigurassem irregulares mas baseados naquilo que Agostinho Guedes realizara em Portugal, antes de abandonar o território.

Guedes provara ser ágil, habilidoso e profissionalmente honesto mas pouco potente e fraco encaixador; como fôra possível transformá-lo em noventa dias, ou mesmo em cento e oitenta, num prodigioso atleta, digno de ser oposto a Joe Bakel, como foi?

Só se compreendem milagres dentro do âmbito espiritual e sob inspiração divina. O boxe materialista por excelência, está longe de usufruir semelhantes privilégios...

Logo, o combate de Agostinho Guedes contra Paco Bueno revelaria, e aliás revelou, aquilo que a lógica antecipadamente fizera prever: o campeão de Portugal (título desajustado num homem de 88 quilos mas que pode ser atribuído a A. Guedes por aclamação, na categoria máxima), era um bom *amador* sob o ponto de vista internacional, antes de seguir para os Estados- Unidos; agora tem as rabulices e os truques próprios do *metier*, aliados a



O combate Bueno-Guedes foi pouco movimentado. Uma fase curiosa!

uma concepção nova, utilitária e prática do jogo, despida de quaisquer subtillezas ou artificios.

O seu combate com Paco Bueno, dado que este último esteve recioso e não quis empenhar-se em nenhum momento, foi um contraste exemplar de duas técnicas. Guedes, bem escondido atrás das luvas, em guarda-baixa constituiu logo de início um muro fechado. Os quatro primeiros períodos pertenceram indiscutivelmente a Guedes, cujas arremetidas espaçadas, embora infrutíferas e por demais previsíveis assustaram o espanhol. A sensação de estar-se vendo combater ao retardador tomou particular acuidade no 5.º assalto e o publico acusou os dois pugilistas — com justificada justiça — de se não empenharem.

Paco Bueno, mais móvel preferia aguardar os ataques de Guedes, esquivando-os para longe e este, se falhava a tentativa, prendia o

adversário no corpo-a-corpo para evitar a acção.

Depois do aviso público, anunciado pelo árbitro no intervalo do 5.º para o 6.º período, houve maior incremento de actividade: Guedes acertou uma boa esquerda na boca e Bueno applicou-lhe um golpe no queixo, de certa violencia.

Do sétimo em diante, o português deu sinais de fadiga e Bueno atreveu-se a atingir-lhe o maxilar com vários directos cautelosos, pricipiando um dominio ligeiro que acentou nos dois últimos assaltos.

A decisão a favor do espanhol briga (a nosso ver) com a ética desportiva, com a reputação do pugilismo profissional e com os interesses das emprezas.

Os dois pugilistas não defenderam as suas cores combatendo suficientemente, pelo que, deviam ter sido desclassificados por mútua-falta (artigo 114.º do Regulamento da F. P. de Boxe) antes do desafio estar concluido.

Este procedimento, estamos certos disso, constituiria a justa penalidade que o público defraudado tinha direito de presenciar e era resultado lógico do encontro.

Sobre os combates complementares do programa apenas descrevemos os resultados:

Miguel França ganhou ao espanhol Alonso por abandono durante o 3.º assalto; Kid Santos e António de Figueiredo empataram no fim de 8 rounds; Alamo (Espanha) derrotou Augusto de Souza, por pontos, no melhor desafio da velada e Torralba (Espanha) fez o mesmo a João Jorge.

A organização do espectáculo satisfaz. E' de estranhar, todavia, que no redactor do Stadium fosse recusado o bilhete habitualmente oferecido à redacção sob o pretexto de não se ter feito publicidade em beneficio do acontecimento...

R. BARRADAS

PACO BUENO derrotou AGOSTINHO GUEDES após um combate monotono e desluzido

REVISTA DA SEMANA

FUTEBOL — O Boavista F. C., indo perder a Leça, frente ao último classificado do campeonato português, demonstrou-nos em pouco tempo, mais depressa do que julgávamos, não surpreender de nenhum modo a pesada derrota sofrida contra o F. C. do Porto. Embora sobre ela se escrevessem coisas que atenuavam o resultado e desvalorizavam, mesmo, o 6-1 obtido pelos campeões regionais, — firmamo-nos na ideia de que o futebol desenvolvido pelo Boavista o poderá conduzir muitas vezes a derrotas expressivas ou pouco honrosas.

Viu-se contra o F. C. do Porto. Quando este «carregou no acelerador», o Boavista não resistiu. Cedeu em 20 minutos.

Agora diremos: — depois do F. C. do Porto, o Boavista possui a melhor equipa da cidade. Mas apenas isso. O F. C. do Porto, infelizmente, não alinha ainda um grupo de valia, e o seu jogo vê-se cheio de defeitos de ordem técnica. Poucos jogadores em forma. Sendo isso verdade, aponta-se igualmente ao Boavista o esboço indeciso da sua técnica, a insegurança do seu remate e a falta de «fundo» dos seus elementos.

Certas as vitórias do F. C. do Porto e do Académico sobre o Leixões e o Selgueiros. O grupo matosinhense soube opor-se valorosamente ao campeão regional, como é seu costume, e o Selgueiros, em maré de «domingo sim, domingo não», voltou a entregar-se ao clube do Lima.

Resseita novamente mais nítida a dúvida sobre o segundo classificado. O Académico tem feito uma época interessante e por certo põe todas as esperanças no próximo jogo com o F. C. do Porto. Está na mão deste (que é como quem diz nos pés e na cabeça dos seus jogadores) a escolha do clube que o deve acompanhar ao nacional. Já se fazem projectos e suposições, algumas bem fantasiosas. O F. C. do Porto tem realizado um campeonato sério, verdadeiramente desportivo, e por isso devem confiar todos no seu comportamento.

Eis os resultados da jornada: F. C. do Porto-Leixões, 5-2; Leça-Boavista, 2-1; Académico-Selgueiros, 4-1.

Após estes resultados, verifica-se que o Boavista desceu ao terceiro lugar, subindo o Académico para o segundo. Depende agora do jogo entre azuis-brancos e olvi-negros, marcado já para domingo, a classificação do «team» de xadrez. A despeito da época interessante do Académico, é fora de dúvida que o Boavista possui melhor equipa. Os defeitos que lhe apontamos podem ser eliminados com o tempo.

O Académico, por seu turno, tendo empatado na 1.ª volta no próprio campo da Constituição, procurará segurar o 2.º posto com unhas e dentes. Teremos, portanto, — se tudo não falhar — um belo jogo em preparação.

O F. C. do Porto volta ao andebol

O Futebol Clube do Porto vai voltar ao andebol. A maneira decidida como o Ex.^{mo} Senhor Director Geral dos Desportos resolveu interromper uma série de atitudes que comprometiam a evolução da popular modalidade, na capital do Norte, foi bem interpretada pelo popular clube português. Assim, voltaremos a ver os seus jogadores nas competições oficiais e particulares, e isto é segura garantia de que a paz voltará brevemente aos espíritos.

Muito não será preciso. Eliminados os elementos que perturbavam a marcha progressiva do andebol, criar-se-á por certo uma gerência forte, imparcial e correcta, capaz de congregar as coisas de um considerado impossível há pouco tempo — quando insistente e mal-dosamente se feriam interesses e um passado de sacrifícios desportivos.

A solução, longe embaraçar os clubes que praticam o andebol nesta cidade, produz a reentrada de uma velha equipa, possivelmente aquela que mais contribuiu para o seu desenvolvimento e prestígio. Seria ingratidão ou crime injustificável negar aplausos ao seu regresso, de mais a mais sabendo-se que faltou autoridade e independência a alguns julgadores dos incidentes bem dispensáveis da época finda.

Mas esqueça-se tudo isso e voltem os clubes e os jogadores à actividade, deixando evidentemente de lado quantos procuravam demolir e desorientar.

Mosaicos nortenhos...

QUANDO um grupo ganha por 6-1, no tempo regulamentar, indica clara superioridade, poder rematador — alguma vantagem sobre o adversário... Se a equipa triunfa nos 20 minutos finais, em cheio, em força indomável, tão dominadora que a não pôde evitar o derrota, denuncia possibilidades maiores.

Joga num estilo que não é bonito, que não permite o gozo do espectador? É a sua técnica. Conduz à vitória. E se a finalidade do jogo é essa — pode ser condenada?

Deve dizer-se que o grupo A ou o grupo B, só porque é mais elegante no jogo mas não marca (é tão importante marcar...), merecia a certa altura 4-1 quando perdeu, por exemplo, por 3-1?

Valha-nos Deus...

NO futebol há uma *pequena coisa* que tem muita importância, embora nem sempre seja considerada por certa gente. Todavia, segundo se julga — isto é do A. B. C.

O que nos diz esse *pequena coisa*? — Que um «goal» de várias equipas não provoca sempre a chegada de outros mais; que uma bola esbarrada na trave pode ser interrompida se à 3.ª ou 4.ª vez entra! A não ser quando um dos grupos é *nítidamente superior*. Quando não é, sabe-se que se dá sempre ou quase sempre a reviravolta. E quando ela pode verificar-se — assistimos muitas vezes aos tais jogos de 20 minutos! E então desapareceu tudo...

Será justo lembrar, no fim do encontro, que 75% de domínio e 6 remates à trave parecem igual a 6-0? Porque, se um grupo venceu por 6-1? A «realidade» está no resultado. O resto... poesia!

É VULGAR ouvir-se dizer e ler-se até: — «o grupo X perdeu por falta de resistência física, por

não ter cada um dos seus jogadores os 90 minutos nas pernas». (A «novidade» vale às vezes um dinheiro precioso). «Jogou mais, etc., etc.». Mas «esmoreceu» a certa altura... Mas foi dominado na parte final do desfecho (é obrigatório jogar antes ao princípio?) e só por isso não escapou à derrota, etc., etc., etc. O habitual coro de lamentações.

Não sabemos porque se pensa assim. As vitórias conquistadas a certa altura dos jogos nem por isso são menos emocionantes e valiosas. Se o adversário es não pode segurar — que nos indica? Que não é ainda uma equipa. Gastar em 45 o que é para 90 minutos — provoca muitos e sérios desgostos...

☛ CABE o muitos o dever de explicar «porque se ganha» à custa de melhor preparação e «porque se perde» a jogar o tal futebol elegante mas sem «goals». Não vale induzir em erro o próprio vencido, que fica a sonhar toda a vida com a falta de sorte e nunca mais ganha. Sempre por falta de sorte! Sempre por jogar bem! Sempre por causa das bolas à trave!

Porque não se eliminem esses diabos? Antigamente, era por causa dos árbitros. Parece que já se vai esquecendo esse «misérrimo» funcionário, mas sucedem sempre outras coisas tremendas...

Ora vamos: Se pensarmos todos um bocadinho, serenamente, abrimo o raciocínio sem pressas e paixões, julgando meritória a lareira do vencedor e do vencedor, talvez se não roube a um o que conquistou, e talvez não fique mal a outro o que perdeu.

Já era tempo de se ensinar sem propósitos fechados e de conduzir o público para o campo das realidades do jogo, — esquecendo a fantasia e o pensar pessoal.

É lobo feio...

A nossa página não se destina «especialmente» a relatos. Pode aqui pincelar-se mais ou menos levemente um resultado obtido neste ou naquele torneio oficial ou particular, mas nem por isso há-de inferir-se de tal que seja muito oportuno ou próprio de revista como *Stadium* dar grande relevo a um acontecimento já verificado para os jornais em todos os tons.

Importará sempre deixar uma ideia do acontecimento. Mas o lugar para a doutrina ou para o conselho ao nosso alcance parece mais digno de escolha, e por isso lhe daremos certa preferência, embora sem esquecer apontamentos que possam conduzir à presença dos sucessos desportivos da semana. Isso temos feito aqui.

Abre-nos tal critério o espaço necessário para deduzir sobre factos e coisas dignos de discussão serena e correcta, sempre livre de peras e de paixões, sempre à margem de polémicas que apenas pretendem criar ídolos. Bem doentia e mal conduzida anda a alma do público desportivo, e se todos fizermos lir por diante tal estado de espírito, negar-se-á mais hoje ou mais amanhã a sua bondade e a sua tão agradável e útil colaboração e esta obra que desejamos distinta e inatcável.

Não é por via de grandes títulos e de grandes e escolhidas frases que a nossa razão se impõe a conceitos formados noutros campos, e nem sempre cegam os doutrinadores com a ameaça do seu fulgor nervoso e alitado. Nós também queremos ao Porto e à Verdade, também tomamos a palavra para discordar, mas fazemo-lo agarrados a juízos que possuem vencer sem ferir os direitos rivais.

Temos mantido sempre o nosso ponto de vista, apontando um ou outro critério que julgamos pouco hábil ou digno de rectificação, sem no entanto pedir mais do que um estudo reflectido e justo, a fim de se evitar tanto quanto possível o desmoronamento do poder colectivo, o direito de progredir e de viver.

Não aceteríamos, como paga de pontos de vista sérios, a colaboração revolucionária das pessoas ou das colectividades possivelmente beneficiadas pelo nosso propósito de fixar doutrina em linha recta, demais sabendo que é frágil a virtude de reconhecer, ligeiro o sentimento de aplaudir com sensatez.

Quando se tomam os nossos gestos de abrir ideias puras por convite à insubordinação — damos o assunto por concluído. Não andamos à cata de celebridade, e não abdicamos, pouco que seja, dos nossos anseios de disciplina e de ordem. Além disso, o colocar-se qualquer um no bico dos pés não é indicação de haver atingido maior altura. Iremos devagar, para que nos ouçam sem ler o adversário de esfregar os tímpanos feridos pelo barulho das falas.

Posto isto, bem desejaríamos, uma vez mais, que os clubes e desportistas do Porto, como os homens do jornalismo, nossos camaradas ilustres, dessem conta dos seus desejos à custa de razões que não eliminem o que ainda é bom...

FUTEBOL

Checoslováquia, 4
Áustria, 3

EM Viena de Áustria realizou-se a 29 do mês findo o primeiro encontro entre as duas nações da Europa-Central, terminando o desafio a favor da Checoslováquia, que derrotou a Áustria por 4 bolas a 3.

EM INGLATERRA

A maior assistência da temporada futebolística concentrou-se no Parque de S. James, em Newcastle, para assistir ao desafio da 2.ª Liga entre o grupo local e o Manchester City, desafio que terminou pela vitória do Newastle por 3-2. A derrota sobreveio no último minuto, deixando os 65.789 espectadores estupefactos. Ambos os grupos jogaram magnificamente, mas Newcastle, mais realizador em frente das redes, tinha alcançado 2-0 a 25 minutos do apito final. Contudo, no quarto de hora que se seguiu, os avançados de Manchester penetraram na defesa contrária, empatando o resultado e produzindo entre o público o primeiro choque nervoso.

Os visitantes foram excelentes, sobretudo na primeira parte, distinguindo-se a ala esquerda da linha atacante, Smith e Westwood. No grupo vencedor, o herói da tarde foi o avançado-centro Waynan, que marcou os três tentos.

Nos outros resultados da 2.ª Liga, registou-se a vitória do Barnsley sobre o Bury (4-0), do Burnley sobre o Fulham (2-0) e o empate entre o W. Bromich Albion e o Bradford (1-1).

O Tottenham ganhou o Sheffield United (2-0) e o Chesterfield empatou com Coventry (1-1).

A frente da classificação permanece o Barnsley, com 18 pontos em 13 jogos, seguido de perto pelo Burnley (17 em 12) e pelos quatro «ases»: W. Bromich, Tottenham, Newcastle e Fulham.

Na 1.ª Liga, o Blackpool mantém-se na dianteira, apesar do empate com o Bolton (1-1), fora de casa. O jogo caracterizou-se pelo grande número de falhanços em frente das balizas. Bolton Wanderers merecia vencer, se não fosse o mau trabalho do seu avançado-centro, Westwood. A lama parece que contribuiu bastante para o efeito... Os Wolves e Liverpool, o primeiro vencendo fora de casa (3-0) o clube Stoke City e o outro ganhando ao Brentford (1-0), permanecem a um ponto do primeiro, mas Liverpool tem menos jogos (12). O Sunderland segue em quarto lugar, tendo derrotado fora de casa, 3-0, o Manchester United.

Na 3.ª Liga (Norte) o Doncaster prossegue à cabeça, perseguido pelo Chester. Ambos venceram os seus adversários, o primeiro totalizando a sexta e o último a sétima vitória consecutiva.

Na mesma Liga (Sul), Cardiff City e Bristol vão a par, com 19 pontos, levando o segundo menos um jogo no seu activo.

Antes de concluir, merece referência a tradicional inconsistência do Chelsea, já celebrada nas revistas teatrais londrinas desde

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

HA quinhentos e oitenta e um anos, sendo rei de Inglaterra Eduardo III, da dinastia dos Tudors, que venceu os Franceses em duas batalhas famosas, Crécy e Poitiers, liquidando o valor militar da cavalaria medieval, o monarca assinou um decreto proibindo a prática do jogo do futebol. Mais tarde, Ricardo II e a grande Isabel referendaram o documento, prendendo os praticantes que ousassem desprezar as suas reais ordenas.

Registe-se, por curiosidade, que jamais se promulgou em Inglaterra a anulação desse decreto e hoje, após seis séculos de intervalo, subsiste a situação paradoxal seguinte: o desporto de Inverno mais popular, melhor organizado, de maior importância social e a cuja manifestação suprema — o desafio da Taça — assiste o próprio chefe do Estado, encontra-se sob a alçada da lei e todos os que o praticarem podem ser privados da liberdade.

Evidentemente que, na pátria de Mathews, ninguém pensa a sério no caso. Aumentam, de dia para dia, os laços que estreitam a intimidade do futebol com a mentalidade britânica e isso basta para fortalecer ao máximo os privilégios do mencionado desporto. Tanto assim é que, brevemente, deixará de subsistir aquele isolamento esplêndido entre o continente europeu e as quatro nações da Grã-Bretanha, agora inscritas no seio da F. I. F. A., esperando-se a sua participação aos campeonatos do Mundo de 1947.

O sonho, tantas vezes desfeito, de uma Europa una e homogênea no campo desportivo pode facilitar a melhor e maior compreensão entre os povos. Inteligentemente, os Ingleses assim o entenderam, fazendo grandes esforços para conseguir demover barreiras de concepção egoísta ou particularista.

Outro tanto se não poderá dizer da U. R. S. S., esse país imenso caracterizadamente oriental, que mira a Europa com intenções reservadas. Convidado a ingressar na F. I. F. A., onde lhe dariam, decerto, um lugar preponderante, nem sequer se dignou acusar recepção do convite endereçado.

A razão de tal atitude parece-nos óbvia.

Na Rússia, apesar da existência dos jogadores do Dynamo, do Casa Militar, do Lokomotive e doutros grupos muito bons, não há o que se chama organização futebolística à maneira ocidental. O Estado comanda em tudo directamente e, por tal motivo, torna-se muito difícil filiar o organismo director noutro que carece de qualquer valor político, embora possua forte prestígio e goze do reconhecimento universal.

E', sem dúvida, uma posição delicada, mas outras mais difíceis se têm resolvido. A atitude moscovita, lamentável sob todos os aspectos, tem pouco de obnubilatória e permite extrair ensinamentos de toda a espécie.

R. B.

BOXE

Um novo campeão da Europa

NA presença de 30.000 pessoas, que enchiam literalmente a enorme arena de Hampden Park (Glasgow), o pugilista francês Theo Medina obteve curiosa vitória por fora do combate, arrebatando ao 4.º assalto o título de campeão europeu dos *leivissimos* a Jackie Paterson.

Desde os primeiros momentos verificou-se a supremacia do pretendente, aliás previsível e já manifestada em combates anteriores. Paterson, depois de cair na lona no fim do 2.º assalto, voltou a tombar várias vezes no terceiro e quarto, fortemente socado no estômago e nos flancos. Durante o último round, despediu um *swing* violentíssimo, falhando o alvo por completo, e veio estatelar-se ao comprou, na plataforma, torcendo um pé e sendo contado fora de combate.

A morte de Cerdan

MARCEL CERDAN, conhecido campeão europeu e francês dos «médios», foi vítima de um terrível desastre aeronáutico. Isto nos dizem os telegramas. Com o seu passamento desapareceria a mais brilhante figura do pugilismo continental europeu, que devia disputar a Tony Zale a supremacia máxima da categoria.

Cerdan nasceu na África do Norte, sendo de pura cepa espanhola, língua que fala correntemente. Estreou-se em público com 6 anos de idade! O adversário desistiu ao primeiro golpe.

A verdadeira paixão de Cerdan é o futebol, mas seu pai insistiu que se fizesse pugilista como seus irmãos Vicente, António e Armando.

Simples, modesto e quase tímido só conta no seu cadastro duas derrotas, discutíveis, aliás, por serem proclamadas em condições de golpe baixo.

Trata-se, evidentemente, de um grande pugilista, o melhor que a França possui, exceptuando Carpentier, Criqui, Ledoux e Marcel Thil.

Notícias posteriores desmentem a sua morte, e oxalá que Marcel Cerdan continue a calçar as luvas. Aguardemos a confirmação ou o desmentido formal.

Ano IV — II Série — N.º 205
Lisboe, 6 de Novembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: FAVARES DA SILVA
Proprietário: a SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Trav. Cidade João Gonçalves, 18. 2.º — Telef. 5146 — LISBOA
Encadernação gráfica de REBOURVORA, LIMITADA — LISBOA

LUTA

Os Campeonatos da Europa

REALIZARAM-SE em Estocolmo (Suécia), os primeiros campeonatos europeus de luta livre após a Grande Guerra. Dando razão ao ditado, a Turquia conquistou o primeiro lugar entre as nações concorrentes, que aliás foram poucas, totalizando 15 pon-

há muitos anos. Jogando contra o Arsenal, fez excelente exibição na primeira meia hora. Depois, ultrapassou, em mau gosto e qualidade, tudo quanto havia efectuado. Salvaram-se Lawton e Swindin, o guarda-redes contrário, num conjunto de vinte e dois praticantes.

tos. Em 2.ª e 3.ª posições ficaram a Suécia e a Finlândia.

Eis os resultados individuais: Pesados: 1.º — Bertil Anderson (Suécia); 2.º — Lardon (Suíça); 3.º — Memmed Cohan (Turquia).

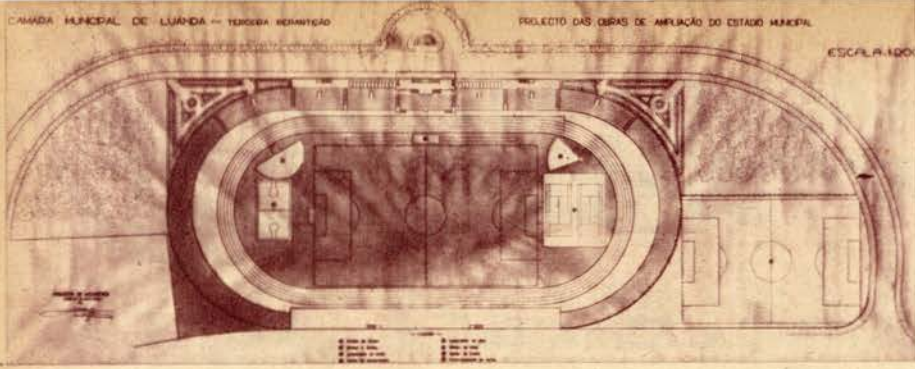
Semi-pesados: 1.º — Faalkvist (Suécia); 2.º — Stokli (Suíça); 3.º — Candas (Turquia).

Médios: 1.º — Eino Vintanen (Finlândia); 2.º — Mahamut Kotri (Turquia); 3.º — Trandberg (Suécia).

Semi-médios: 1.º — Yagar Dogu (Turquia); 2.º — Kalman Savary (Hungria); 3.º — Karl Gerhard (Suíça).

Leves: 1.º — Kotal Atik (Turquia); 2.º — Ghosta Framborgs (Suécia); 3.º — Kangas (Finlândia).

Semi-leves: 1.º — G. Bilga (Turquia); 2.º — Andenberg (Suécia); 3.º — Paavo Hietala (Finlândia).



ANGOLA e a sua actividade desportiva

COMO nos havia prometido, o sr. Capitão Manuel Magro Romão, distinto presidente do Município desta cidade, que a ele já tanto deve, pelas numerosas obras construídas e a construir, deu-nos agora mais informações sobre o Estádio Municipal, aos Coqueiros.

Como prevíamos a obra a realizar é grandiosa e pode-se dizer sem receio de desmentido que o Estádio, depois de concluídos os trabalhos de beneficiamento, ficará com uma fachada imponente, que delatará para uma nova avenida a passar à volta do campo e a qual terá 15 metros de largura. Mesmo em frente da fachada, veremos um largo com 30 metros de diâmetro.

Actualmente, trabalha-se na ampliação das bancadas, que terão 12 filas e um comprimento de 180 metros. Em caso de necessidade poderão as mesmas ser aumentadas tres vezes mais, aproximadamente.

A meio e atrás das bancadas ficará a tribuna central e 26 camarotes, — 13 de cada lado. Por baixo destes serão construídas várias dependências, destinadas a balneários para os jogadores e árbitros, um bar, um posto de socorros para radiodifusão, instalações sanitárias para homens e senhoras, separados, vestiários, para o guarda e para o material desportivo e de arranjo e conservação do campo.

Quanto à lotação, o Estádio poderá comportar depois, à vontade, cerca de 20 a 30 mil pessoas. Ficarão com uma capacidade de escoamento, no espaço de 15 minutos, pelas suas seis portas das bancadas, duas dos camarotes, quatro dos peões e uma privativa da tribuna central.

No que se refere aos locais destinados exclusivamente a prática do desporto, ficará com um rectângulo para o jogo de futebol com as medidas regulamentares e arrelvados; com uma pista para corridas; locais para lançamentos de disco e peso, saltos em comprimento, altura e vara, campos de basquetebol, vôlei e com dois campos de tênis.

O Estádio ficará completamente vedado, de um lado pela tribuna e bancadas e pelo outro com bouçasvilhas.

Na parte exterior, haverá dois parques para estacionamento de carros, com uma capacidade para 250 viaturas, campo de futebol para treinos. As bilheteiras em numero de tres, ficarão na rua Ferreira de Almeida.

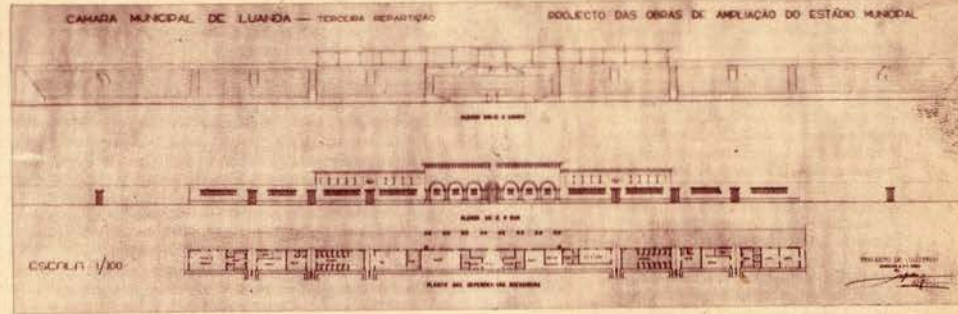
Estas obras, segundo nos afirmou o sr. capitão Romão, devem ficar prontas em Julho de 1947 e custarão ao município cerca de 650 contos.

Serão aproveitados ainda para construções aproximadamente 25 mil metros de terreno, para construções particulares e oficiais.

O projecto é da autoria do condutor José Gustavo Correia.

O 26.º aniversário do Sporting Club de Luanda

Quase ao mesmo tempo que na Metrópole o Sporting Club de Portugal leva a efeito os festejos comemorativos da passagem do seu 40.º aniversário, a sua filial de Luanda, realiza também as festas do 26.º ano da sua fundação. Se o aniversário do grande clube português se revestiu de muito brilhantismo em terras da Mãe-Pátria, não menos o teve em terras angolanas. E a prova disso, está no



A selecção de Luanda, que jogou contra Pool, vendo-se entre os angolanos: Dares (antigo guardaredes do Sporting), Guis Costa, (que jogou no Benfica) Telmo Vaz Pereira, Franco (que pertenceu ao F. C. do Porto), Boavida, etc.

locom a esta cidade o grupo de honra do Sporting Clube de Portugal, devido a dificuldade de passagens, veio colaborar, a convite dos «leões» de Luanda, nas suas festas.

A fechar o seu programa, preparou o Sporting um interessante arraial nocturno, no Largo Luís Lopes de Sequeira. Nele colaboraram senhoras e senhorinhas da melhor sociedade da capital.

Assim comemorou o Sporting Clube de Luanda, — a 3.ª filial do Sporting de Portugal, — o seu aniversário.

Conforme dissemos já a Seleção do Pool deslocou-se a esta cidade, onde realizou dois desafios de futebol. O primeiro foi disputado com o Sporting, que venceu por uma bola a zero, marcada por Telmo Vaz Pereira. O segundo foi efectuado no dia seguinte contra a Seleção de Luanda, que venceu também, por quatro bolas a uma.

Segundo informações seguras que temos, o Sporting Clube de Luanda, deve visitar Leosoldville e Brazzaville, em retribuição desta visita. Desta vez, a realizar-se tal viagem, o Sporting levará além da sua equipa de futebol, as de natação, vôlei, basquetebol, ténis de mesa, etc.

J. Gonçalves de Figueiredo



Um aspecto da regata de remo para a disputa da taça «Governador Lopes Alves» — Prova de 1.000 metros ganha pela tripulação do Nun'Alvares

A ILUMINANTE

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6

Largo do Intendente, 11 a 17

PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B

e 209



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILLUMINANTE

Stand FLECHA

Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2\$00